

REVISTA ADVENTISTA

OUTUBRO DE 1967

LEITURAS PARA A

SEMANA DE ORAÇÃO

4 a 11 de Novembro

ANO XXVIII N.º 253

O PRIVILÉGIO DA ORAÇÃO

E. G. WHITE

DEUS fala-nos pela natureza e pela revelação, pela Sua providência e pelo influxo do Seu Espírito. Isto, porém, não basta; temos necessidade de Lhe abrir o nosso coração. Para ter vida e energias espirituais, cumpre estarmos em real comunhão com o Pai Celeste. Podemos nossos pensamentos dirigir-se para Ele; podemos meditar sobre Suas obras, Suas misericórdias, Suas bênçãos; mas isto não é, no sentido mais amplo, comungar com Ele. Para estar em comunhão com Deus, é preciso que tenhamos alguma coisa que Lhe dizer acerca da nossa vida.

Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário para informar Deus acerca do que somos; mas para nos habilitar a recebê-Lo. A oração não faz Deus baixar até nós; mas eleva-nos até Ele.

Quando Jesus andou na terra, ensinou a Seus discípulos como deviam orar. Instruiu-os a apresentar suas necessidades quotidianas a Deus, a lançar sobre Ele todos os seus cuidados. E a certeza que lhes deu, de que as suas petições seriam ouvidas.

Enquanto andava entre os homens, o próprio Jesus muitas vezes se entregava à oração. O Salvador tinha tomado sobre Si nossas necessidades e fraquezas. Aparece-nos como um suplicante, pedindo constantemente a seu Pai uma provisão nova de força para fazer face aos deveres e às provações. Ele é nosso exemplo em todas as coisas. É um irmão em nossas fraquezas, pois,

«como nós em tudo foi tentado» mas sem pecado como era, Sua natureza revoltava-se contra o mal. Ele passou por todas as lutas e todas as angústias de alma a que estão expostos todos os homens num mundo de pecado. Sua humanidade fazia-Lhe da oração uma necessidade e um privilégio. Encontrava conforto e alegria na comunhão com o Pai. E se o Salvador dos homens, o Filho de Deus, sentia a necessidade de orar, quanto mais deveríamos nós, débeis e pecaminosos mortais que somos, sentir a necessidade de fervorosa e constante oração.

Nosso Pai celestial está desejoso de derramar sobre nós a plenitude de Suas bênçãos. É nosso privilégio beber a largos sorvos da fonte de Seu ilimitado amor. Como é de admirar, pois, que oremos tão pouco! Deus está pronto para ouvir a oração sincera do mais humilde de Seus filhos, e contudo há tanta relutância de nossa parte em tornar conhecidas a Deus as nossas necessidades! Que pensarão os anjos do céu, a respeito dos pobres e desamparados seres humanos, sujeitos à tentação, quando a oração de Deus, pleno de infinito amor, se inclina anelante para eles, pronto para lhes dar mais do que sabem pensar ou pedir, e contudo oram tão pouco, e tão pouca fé exercem! Os anjos têm prazer em prostrar-se perante Deus; deleitam-se em estar em Sua presença. Consideram a comunhão com Deus como seu mais alto gozo; e contudo os filhos da terra,

MENSAGEM DOS DIRIGENTES DA CONFERÊNCIA GERAL

SUMÁRIO

O Privilégio da Oração
Mensagem dos Dirigentes da Conferência Geral
A minha necessidade é Cristo
O meu substituto é Cristo
A minha justiça é Cristo
O poder que me santifica é Cristo
O meu exemplo é Cristo
O meu advogado é Cristo
O meu companheiro de todos os dias é Cristo
O meu Rei é Cristo
Escola Sabatina
A Colportagem faz-me feliz...
Referências Bíblicas sobre a Oração

OCTUBRO DE 1967

ANO XXVIII N.º 253

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«Portanto, pode salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles». (Heb. 7:25). O que quer que digam os homens em contrário, este texto declara que Deus vive e salva. Nisto nós cremos.

Durante esta semana de oração nós, como Adventistas, meditaremos e consideraremos uma das verdades básicas do evangelho. É muito simples. Essencialmente resume-se no seguinte: Não é nem o conhecimento, nem a posição, nem as obras que nos salvam, mas tão somente a fé em Cristo. O discernimento intelectual e as boas obras têm o seu lugar na vida do cristão, mas só podemos ser salvos pela fé e apropriação da graça redentora incarnada numa Pessoa viva. Tudo o mais assenta nesta verdade fundamental.

É um facto assente de que, desde o princípio dos tempos tem existido apenas um meio de salvação — «o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo». Sem Cristo não pode haver justificação, satisfação ou glorificação. Ele é a nossa salvação e única esperança. A Sua vida, a Sua obediência e a Sua justiça substituem as nossas. «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim». (Gál. 2:20).

Quando Cristo se torna o Alfa e o Ómega da nossa experiência religiosa pessoal, tudo o resto se segue natural e inevitavelmente. Obediência, devoção, actividade, benevolência, sacrifício e união com os nossos irmãos brotam desta nossa relação com Cristo. Ele é o centro,

a origem e a encarnação de toda a doutrina bíblica verdadeira. O seu Espírito, de harmonia com as Escrituras, ensinará ao crente consagrado tudo o que lhe for necessário saber sobre a Criação, os Dez Mandamentos, a encarnação, a crucifixão, a ressurreição, o julgamento, a Segunda Vinda e a vida eterna. Referindo-se a este assunto, a serva de Deus disse:

«A prova da verdade da Palavra de Deus está na própria Palavra. A Escritura é a chave que abre a Escritura. O significado profundo da verdade da Palavra de Deus é revelado às nossas mentes pelo Seu Espírito. ... Os que consultarem o Oráculo divino receberão luz. Cada dever está claramente delineado na Bíblia. Cada lição dada é compreensível. Cada lição revela o Pai e o Filho. A palavra tem poder para nos fazer a todos sábios para a salvação». — *Testimonies*, vol. 8, pág. 157.

Por conseguinte, durante esta semana rogamos aos pastores e aos oficiais da igreja que conduzam o nosso povo a um companheirismo salvador com o «único Deus verdadeiro» e com Jesus Cristo, pois em conhecê-lo reside a vida eterna. (João 17:3). Que esta semana assim como os dias que lhe seguirem sejam dedicados, não às dúvidas, especulações e suposições de homens fracos, mas a considerar e a seguir Aquele que é «Deus eternamente» assim como «o caminho, a verdade e a vida». Sobre o nosso caminho jorra a luz que vem da cruz do Calvário e do santuário. Unidos, «andemos na luz, como Ele na luz está» e consagremos todo o nosso ser à tarefa de finalizar a comissão evangélica.

A MINHA NECESSIDADE É CRISTO

Por Ellen G. White

A Igreja de Cristo é o meio designado por Deus para a salvação do mundo. A sua missão é levar o evangelho a todas as criaturas. Aos representantes da Sua igreja, Jesus disse: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura». (Marcos 16:15).

Esta ordem não conhece fronteiras. As boas novas de um Salvador, — Cristo morrendo no Calvário como nosso sacrifício; Cristo, nosso sumo sacerdote, pedindo e intercedendo por nós diante de Deus; Cristo, nosso rei e libertador, vindo para remir os Seus filhos, — esta é a mensagem a ser proclamada em todo o mundo, a toda a nação, tribo, língua e povo. E esta obrigação repousa sobre cada cristão. Cada um de nós deve utilizar ao máximo talentos e oportunidades na realização desta ordem. O conhecimento do amor de Cristo torna-nos devedores de todos aqueles que O não conhecem.

Não podemos comunicar a luz se não a tivermos recebido. Não podemos revelar um Salvador de quem não temos conhecimento. Vós não podeis falar a outros do Salvador e da Sua justiça, não podereis representar o Seu amor sem par e o cumprimento da Sua graça, não podeis imaginá-Lo como o tudo do cristão, como o confortador e o guia dos homens, a não ser que o vosso coração esteja cheio do Seu amor. Não sereis capazes de representar Deus como um Deus de compaixão e de amor a não ser que possais dizer: «Provei, e sei que o Senhor é bom».

TODOS NECESSITAM DE CRISTO

No seu estado de inocência, o homem vivia numa feliz comunhão com Aquele «em Quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência». Mas, depois do pecado, não podendo já encontrar

prazer na santidade, procurou esconder-se da presença de Deus. Tal é ainda hoje o estado do coração não convertido. Não bate em unísono com o coração de Deus e não encontra prazer algum na sua comunhão.

Os nossos corações são maus, e não os podemos transformar. «Quem do imundo tirará o puro? Ninguém». Job 14:4. «A inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser». Rom. 8:7. A educação, a cultura, o exercício da vontade, os esforços humanos, tudo tem a sua legítima esfera de acção, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento exteriormente correcto, mas não podem mudar o coração; são incapazes de purificar os mananciais da vida. Para conduzir os homens do estado de pecado ao de santidade, é preciso um poder que opera interiormente, uma nova vida que proceda do alto. Esse poder é Cristo. Apenas a Sua graça é que pode vivificar as faculdades inertes da alma, e atraí-las para Deus, para a santidade.

A EXPERIÊNCIA ESSENCIAL DO NOVO NASCIMENTO

Disse o Salvador. «Aquele que não nascer de novo» — que não receber um coração novo e aspirações novas, que o conduza a uma nova vida — «não pode ver o reino de Deus». S. João 3:3. A ideia de que basta desenvolver o bem que por natureza existe no homem, é um erro fatal. «O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente». 1 Cor. 2:14. Não te maravilhes de ter dito: «Necessário vos é nascer de novo». S. João 3:7. Acerca de Cristo diz a Escritura: «N'Ele es-

tava a vida e a vida era a luz dos homens», e «nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos». S. João 1:4; Actos 4:12.

Não basta entrever a bondade de Deus, a Sua benevolência, a Sua ternura paternal. Não basta reconhecer a sabedoria e a justiça da Sua lei, e que ela se baseia sobre o eterno princípio do amor. Paulo, o apóstolo, tinha conhecimento de tudo isso quando exclamava: «Consinto com a lei, que é boa». «A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom». Acrescentava, porém, na amargura da sua íntima angústia e desespero. «Mas eu sou carnal, vendido sob o pecado». Rom. 7:16, 12, 14. Suspirava por uma santidade e por uma justiça que se sentia impotente para alcançar por si mesmo, e exclamava: «Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?» Rom. 7:24. Tal é o brado que tem subido, em todas as terras e em todos os tempos, dos corações oprimidos pelo sentimento do pecado. Para todos existe uma resposta: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». S. João 1:29.

UNIÃO COM CRISTO

Diz Jesus: «Sem Mim nada podeis fazer». O nosso crescimento na graça, a nossa alegria, a nossa utilidade — tudo depende da nossa união com Cristo. É pela comunhão com Ele, todo o dia, toda a hora, é permanecendo n'Ele que podemos crescer na graça. Ele é não somente o autor mas também o consumidor da nossa fé. É Cristo primeiro e sempre, em tudo e por tudo. Ele deve estar connosco, não só no princípio e no fim da nossa carreira, mas a cada passo do caminho. Diz David: «Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim: por isso que Ele está à minha mão direita nunca vacilarei». Salmos 16:8.

«Como podemos permanecer em Cristo?» — perguntareis vós. — Do mesmo modo que O recebestes. «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai n'Ele». Col. 2:6. «O justo viverá da fé». Heb. 10:38. Entregaste-vos a Deus para serdes inteiramente Seus, para O servirdes e Lhe obedecerdes, e aceitastes a Cristo como vosso Salvador. Não podíeis por vós mesmos expiar os vossos pecados ou mudar o vosso coração; mas tendo-vos dado a Deus, crestes que Ele faria tudo isso por vós, por amor de Cristo. Pela fé viestes a pertencer a Cristo; é ainda pela fé que deveis crescer n'Ele — dando e recebendo. Deveis dar *tudo* — o vosso coração, a vossa vontade, o vosso serviço — dar-vos a vós mesmos; e deveis *receber* tudo — Cristo, a plenitude de todas as bênçãos, a vossa força, a vossa justiça, o vosso amparo constante.

DEPENDÊNCIA TOTAL

Uma união com Cristo pela fé viva é duradoura; todas as outras uniões perecerão. Cristo escolheu-nos primeiramente, pagando um preço infinito pela nossa redenção; o verdadeiro crente escolhe a Cristo como primeiro e último e o melhor em todas as coisas. Mas esta união custa-nos algo. É uma relação de dependência total na qual deve entrar um ser orgulhoso. Todo aquele que forma esta união deve sentir a necessidade do sangue de Cristo. Tem de ter uma mudança de coração. Tem de submeter a sua própria vontade à vontade de Deus. Haverá luta com obstáculos tanto exteriores como interiores. Tem de haver um trabalho agonizante de separação tanto como de união. Orgulho, egoísmo, vaidade, mundanismo — pecado em todas as suas formas — têm que ser vencidos, se é que entramos em união com Cristo. A razão porque muitos acham a vida cristã deploravelmente difícil, a razão porque são tão inconstantes, tão variáveis, vem de que tentam unir-se a Cristo sem se separarem destes ídolos.

Os crentes tornam-se um com Cristo; contudo, um ramo não pode alimentar a outro. O alimento tem que ser obtido através de uma ligação vital com a Videira. Temos

que sentir dependência total de Cristo. Temos que viver pela fé no Filho de Deus. Este é o sentido do preceito. «Estai em Mim». A vida que vivemos na carne não deve satisfazer à vontade dos homens nem agradar aos inimigos do Senhor, mas deve servir e honrar Aquele que nos amou e se deu a Si mesmo por nós. Um mero assentimento a esta união, enquanto as afeições não são desligadas do mundo, nem dos seus prazeres ou dissipações, apenas tende a tornar o coração mais pronto à desobediência.

MUDANÇA DE CARÁCTER E DE VIDA

Enquanto o coração não se render incondicionalmente a Deus, o agente humano não está na verdadeira Videira e não pode produzir nem flor nem fruto. Deus não transige em nada com o pecado. Se Ele pudesse fazer isso, Cristo não teria vindo ao nosso mundo para sofrer e morrer. A conversão que não transforma tanto o carácter como a vida daqueles que aceitam a verdade, não é genuína. A verdade opera pelo amor e purifica a alma.

É de Jesus que necessitamos; a Sua luz, vida e Espírito têm que ser continuamente nossos. Precisamos d'Ele a cada momento. Devíamos orar... para que, assim como o sol ilumina a terra e enche o mundo de luz, o Sol da Justiça brilhe nos lugares recônditos da mente e do coração e nos faça luz no Senhor. Não podemos passar, nem um momento, sem a Sua presença. O inimigo sabe quando tentamos passar sem o Senhor e, então enche as nossas mentes de más sugestões para nos fazer cair da nossa firmeza; mas o desejo do Senhor é que estejamos n'Ele momento após momento, e assim sejamos completos n'Ele.

Deus espera que todos sejamos perfeitos n'Ele, a fim de que possamos apresentar ao mundo a perfeição do Seu carácter. Deseja que sejamos libertados do pecado, para que não desapontemos o Céu nem aflijamos o nosso divino Redentor. Não deseja que professemos o cristianismo sem tirarmos partido daquela graça que nos pode aperfei-

çoar, para que não sejamos achados em falta em coisa alguma.

Nenhum outro poder no mundo pode fazer o que pode a oração e a fé. Quando tudo é considerado, raramente nos encontramos duas vezes na mesma situação. De contínuo passamos por novas cenas e novas provas para as quais a experiência do passado não pode constituir guia suficiente. Necessitamos da luz que sem cessar desce de Deus. Cristo está sempre a enviar mensagens àqueles que quiserem ouvir a Sua voz.

OLHANDO FIXAMENTE PARA JESUS

Olhemos para Jesus com simplicidade e fé. Atentemos em Jesus até que o espírito desmaie sob o excesso da luz. Não oramos metade do que devemos. Não cremos metade do que precisamos. «Pedi, e dar-se-vos-á». S. Lucas 11.9. Oraí, crede, fortalecei-vos uns aos outros. Oraí como nunca dantes orastes, para que o Senhor sobre vós ponha a Sua mão, a fim de poderdes compreender a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o conhecimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.

Há muitos que discordam facilmente sobre verdades bíblicas e cujas almas estão tão despidas do Espírito de Deus como os montes de Gilboa de orvalho e chuva. Mas o que necessitamos é de homens inteiramente convertidos para que possam ensinar a outros como dar os seus corações a Deus. O poder da devoção quase completamente desapareceu das nossas igrejas. E porque é isto? O Senhor quer ainda dar-nos a Sua graça; Ele não fechou as janelas do céu. Nós é que nos separámos d'Ele. Precisamos fixar os olhos da fé sobre a cruz e crer que Jesus é a nossa força, a nossa salvação.

A nossa condição tornou-se, pelo pecado, preternatural, e o poder que nos restaura tem que ser sobrenatural; de contrário não terá valor. Há um só poder capaz de romper no coração do homem a força do mal, e esse é o poder de Deus em Jesus Cristo, unicamente pelo sangue do Crucificado pode

haver purificação do pecado. A Sua graça, tão somente, pode habilitar-nos a resistir às tendências más da nossa natureza caída e sujeitá-las.

A NOSSA MAIOR NECESSIDADE

O reavivamento da verdadeira devoção entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Precisamos de receber a unção de Deus, o baptismo do Seu Espírito. Este é o único agente eficaz na proclamação da verdade sagrada.

É o Espírito de Deus que reaviva as faculdades adormecidas da alma para que possamos apreciar as coisas celestiais; é o Espírito que dirige as afeições para Deus e a verdade. Aquilo de que necessitamos, aquilo sem o que nada podemos fazer, é o poder do Espírito Santo para cooperar com os nossos esforços. Todo o carinho dispensado ao eu deve desaparecer. Aqueles que precisam de encostar-se a outros, de serem animados, servidos e encorajados, revelam fraqueza intelectual e falta de fervor religioso. Tem que haver um forte desejo, uma fome espiritual pela presença do Senhor. Fazei d'Ele o vosso apoio, guarda avançada da retaguarda. «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos». Aquele que dotou a mente humana de todos os seus poderes moldá-los-á de tal maneira que não haverá extremistas; todos agirão harmoniosamente.

CONVIDAI JESUS A ENTRAR

Isto é para nós um caso de vida ou morte. Fomos atacados de paralisia espiritual. Todos necessitamos da ajuda do Grande Médico. Só

Ele pode curar-nos. Ele espera apenas ser convidado por nós com coração ardente e com desejo sincero. Só uma coisa nos falta: a preparação do coração. Devemos limpar a imundícia, abrir a porta, e convidar Jesus a entrar e ficar connosco. A oração simples, ardente e confiante traz sempre Jesus junto de nós como um ajudador poderoso. Diz-nos Jesus: «Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo». Ele deseja ardentemente entrar; está somente à espera que preparemos o caminho, e abramos a porta, e Ele entrará.

O reavivamento espiritual virá apenas em resposta à oração. É porque alguém procura com fervor a bênção de Deus que as igrejas são reavivadas. Esse tal tem fome e sede de Deus, pede com fé, e recebe em conformidade com a sua oração. Lança-se ao trabalho com fervor, sentindo a sua grande dependência do Senhor, e as almas levantam-se para receber bênção idêntica, e um tempo de refrigério cai sobre os corações dos homens.

Muitos estão cansados do seu serviço sem vida. As suas almas gritam pelo Deus vivo. Uma forma de piedade não pode satisfazê-los: ardentemente esperam pelo remover profundo do Espírito Santo. Que aquele que está cansado e desencorajado grite, como fez Jacob, pelo Consolador. Ponha a sua alma nua diante de Deus em oração. Ponha de parte com nojo tudo o que corrompe. Este trabalho faz-se entre ele e o seu Deus.

Deus está à obra; Ele faz maravilhas; e, se bem que o Seu trono seja alto e elevado, a oração alcançá-lo-á. Aquele que confunde e destrói, e que faz coisas maravilhosas,

atentará para a oração contrita de fé do mais humilde dos Seus filhos.

OLHAI PARA JESUS

Não olhemos para nós próprios. Quanto mais pensarmos nas nossas imperfeições, tanto menos força teremos para as vencer. Diz Jesus: «Olhai para Mim, e sereis salvos». Não precisamos de estar sempre a cair e a arrepender-nos, e a escrever coisas desagradáveis contra nós mesmos. É nosso privilégio crer nas promessas da palavra de Deus e aceitar a bênção que Jesus tem prazer em dar, para que a nossa felicidade possa ser completa.

Lançai para longe toda a dúvida. Afastai todo o medo. Fazei experiência semelhante à do apóstolo Paulo quando exclamou: «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo, na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim». Entregai tudo a Cristo, e esteja a vossa vida escondida com Cristo em Deus. Então sereis uma força para o bem.

O Senhor não trancou o celeiro do céu depois de ter deixado cair o Seu Espírito sobre os primeiros discípulos. Nós podemos também receber a plenitude da Sua bênção. O Céu está cheio dos tesouros da Sua Graça e, aqueles que se chegam a Deus com fé podem reclamar tudo o que Ele prometeu.

Suplico-vos que continueis a procurar Deus e a beber na Fonte das águas vivas. Podeis ser como a árvore plantada junto a ribeiros de águas e cujas folhas não caem. Podeis estar cheios de orvalho e ser capazes de refrescar a outros, levando-lhes graças e conforto.

(Domingo 5 de Novembro)

O MEU SUBSTITUTO É CRISTO

Por R. S. Lowry

A história da criação e da queda do homem é conhecida de todos os cristãos. Ao contemplarmos a tragédia da ocasião, sentimo-nos chocados pela realização do que deve ter sido a indiscriminável tristeza de

Adão e Eva quando começaram a compreender que a sua falta de fé em Deus e na justiça da Sua lei tinha trazido sobre eles a sentença de morte e a separação de Deus.

O Senhor Deus tinha dito: «Mas

do fruto da árvore que está no meio do jardim, ... não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais» (Gén. 3:3). Aqui estava implícita a indicação de que a má vontade em aceitar a palavra

de Deus e viver de acordo com ela deve inevitavelmente resultar na morte. Inesperadamente, o homem sucumbira à tentação de Satanás pela sua desobediência; por isso, deve sofrer, porque «o salário do pecado é a morte» (Rom. 6:23).

Mas não só o homem sofreu com a entrada do pecado na existência humana — Deus também sofreu. Com efeito, «o amor divino moveu-se nas suas insondáveis profundidades em favor dos homens» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 612). No meio da tragédia pela qual a Sua criação seria submetida à asolação do pecado, logo que o homem pecou, Deus pôs a funcionar o plano da salvação, o qual tinha sido preparado para uma tal eventualidade «desde a fundação do mundo (Apo. 13:8). Ao mesmo tempo que pronunciava o julgamento sobre Adão e Eva, Deus revelou ao homem o Seu grande e eterno amor pela promessa da vitória no conflito que se seguira entre a sua semente e a da serpente. O próprio Cristo comprometeu-se a tornar-se «substituto e segurança» do homem pois não pôde contemplar a raça humana «exposta à ruína eterna sem derramar a sua alma até a morte em seu favor» (*Christ's Object Lessons*, p. 157).

Contudo, uma tal vitória só seria possível pela demonstração da justiça da lei divina, porque a validade do seu fundamento sobre o amor tinha sido desafiada. Por conseguinte, assim como a lei pedia a pena de morte para a desobediência, assim também devia o Autor da lei estar preparado para fazer face às suas exigências. «A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas exigências». — *Patriarcas e Profetas*, p. 67. Assim foi que o amor infinito *compeliu* o Pai e o Filho a fazer o sacrifício necessário, para que fosse demonstrado perante o universo «que a justiça e a misericórdia são o fundamento da lei e do governo de Deus». *O Conflito dos Séculos*, p. 369.

A LEI REQUER OBEDIÊNCIA

Mas, ainda mais do que isto era necessário. Para substituir o homem, satisfazendo a punição reque-

rida pela lei, era também imperativo que se satisfizessem as suas exigências à obediência. Assim se tornou absolutamente essencial que Cristo vivesse neste mundo como um «cordeiro sem mancha», a fim de prover a expiação satisfatória e qualificar-se para pagar o resgate do homem. Sobre isto lemos: «Jesus morreu, o justo pelo injusto, o inocente pelo culpado, para preservar a dignidade da lei de Deus». — Ellen G. White em *Signs of the Times*, 15 de Outubro de 1896, p. 5.

Diz o salmista: «O teu caminho, ó Deus, está no santuário». (Sal. 77:13). A intenção do sistema dos sacrifícios era, duma parte, levar o homem a olhar para a separação que se operara no Éden devido à sua falta de fé na palavra de Deus; e, doutra parte, levá-lo a olhar pela fé para o tempo da reunião prometida, quando o «Cordeiro de Deus» morreria como seu substituto, e tiraria «O pecado do mundo» (João 1:29). Assim como a falta de fé levou à queda do homem, da mesma forma «a fé é a condição pela qual Deus achou por bem, prometer o perdão aos pecadores» (*Selected Messages*, livro 1, p. 366). Neste sentido, os sacrifícios diários deviam simbolizar a necessidade de «consagração diária» e a «constante dependência do sangue expiatório de Cristo» (*Patriarcas e Profetas*, p. 397). Enquanto que, duma parte, deviam constituir uma lembrança de que, «segundo a lei ... todas as coisas são purificadas com sangue e que, sem derramamento de sangue não há perdão» (Heb. 9:22. N. E. B.), deviam, doutra parte, mostrar o facto de que «a revelação do amor de Deus para com os homens, centraliza-se na cruz» (*A Ciência do Bem Viver*, p. 423). Assim foi que a fé na «semente da mulher» constituía também fé em receber o perdão através dos méritos do sangue redentor de Cristo.

SATANÁS OPÕE-SE À LEI

No Jardim do Éden, Satanás tentou desacreditar Deus interpelando a justiça da Sua lei. «É assim que Deus disse?» escarneceu ele (Gén. 3:1). A sua maneira de atacar não é diferente hoje! Naquela altura, Eva foi levada a confiar na justiça

das suas próprias obras; há milhares de pessoas actualmente que são induzidas a depender das suas próprias obras para a sua salvação (ver *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 175, 176). Com efeito, o princípio de que o homem pode e deve salvar-se pela sua vida boa, é não somente o centro de todas as religiões pagãs como também está introduzido no contexto do muito a que se chama cristianismo. Satanás encoraja esta tendência a confiarmos em nós mesmos através do coração orgulhoso, o que se esforça por ganhar a salvação, a fim de que o homem não possa beneficiar do sacrifício de Cristo, porque sabe que «tanto o nosso título ao Céu, como a nossa idoneidade para ele, se encontram na justiça de Cristo» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 300).

Num sentido, o pecado de Eva teve a sua origem na confiança em si mesma, porque este sentimento a levou a afastar-se da simples fé num «assim diz o Senhor» e a aproximar-se do que lhe parecia razoável. A palavra de verdade indica que «Deus que é riquíssimo em misericórdia», demonstra «a sua benignidade para conosco, em Cristo Jesus» e oferece a salvação e a restauração ao nosso estado original «pela graça ... por meio da fé» como «dom de Deus» (Ef. 2:4-8). Assim, «a lei requer justiça, e esta o pecador deve à lei. ... A única maneira em que pode alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor lança a obediência do Seu Filho a crédito do pecador». — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 367. Por outro lado, «é o estudado desígnio de Satanás impedir as almas de crer em Cristo como sua única esperança». — *Obreiros Evangélicos*, p. 162. O homem deve, porém, pôr as suas «esperanças quanto ao Céu tão-somente em Cristo, porque Ele é o nosso substituto e penhor». — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 363.

NÃO HÁ JUSTIÇA NO HOMEM

É óbvio que o que o Senhor nos quer fazer compreender é que no homem «não habita bem algum» (Rom. 7:18), que entre os homens «não há nem um justo, nem um

sequer» (cap. 3:10) que «ele nada tem de si mesmo que não seja maculado e corrupto, poluído de pecado, inteiramente repulsivo a um Deus puro e santo» (*Ibid.*, p. 342). Mas, enquanto estávamos completamente destituídos de capacidade para nos ajudarmos a nós mesmos, Cristo morreu por nós.

A este respeito a serva do Senhor disse: «O inimigo de Deus e do homem não quer que esta verdade seja claramente apresentada; pois sabe que, se o povo a aceitar plenamente, está despedaçado o seu poder». — *Obreiros Evangélicos*, p. 161. A vitória de Satanás dever-se-á em grande medida à falta de compreensão, na parte do homem, da natureza desta grande salvação que lhe é oferecida através do sacrifício de Cristo.

A Escritura é, contudo, bastante clara a este respeito quando declara: «Adentro deste 'sistema' divino, aquele que tem fé encontra-se agora inteiramente absolvido aos olhos de Deus pelo Seu procedimento generoso no Acto Redentor de Jesus Cristo» (Rom. 3:24, Phillips). Pode, por conseguinte, dizer-se: «Só aqueles que realizam que a cruz de Cristo é o centro da esperança da família humana podem compreender o evangelho que Cristo ensinou» (*Testimonies*, vol. 8, p. 206).

«Na expiação revela-se o carácter de Deus». — *O Conflito dos Séculos*, p. 367. A beleza do tema da salvação emerge na verdade de que «Deus amou o mundo de tal maneira» (João 3:16). «Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 33. Em tal contexto é impossível compreender o que Jesus, o Filho de Deus, suportou ao ser «contado com os transgressores» (Isa. 53:12). Que agonia de coração deve Ele ter experimentado quando foi «desprezado, e o mais indigno entre os homens!» (verso 3). Que dor deve ter sentido quando foi «ferido pelas nossas iniquidades!» (verso 5). Que peso não teria Ele no coração ao aproximar-se a hora crítica e ao

lutar no Jardim de Getsémane, levando nas Suas mãos o destino da família humana!

A NECESSIDADE DO SACRIFÍCIO

Jesus reconheceu que «a Terra se obscureceu devido à má compreensão de Deus». Ele viu que, «para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o Mundo pudesse volver ao Criador, era preciso que se derribasse o poder enganador de Satanás.» Compreendeu ainda que «isso não se podia fazer pela força. ... Só o amor desperta o amor» (*ibid.*, pp. 14, 15). Esta compreensão, adicionada do amor, constituiu a compulsão interior que O levou ao sacrifício. Foi «o sentimento da ira divina» que O fez sofrer a angústia do coração. Isto «esmagava-Lhe a alma» (*ibid.*, p. 515). «O Seu sofrimento provinha do sentimento da malignidade do pecado, do conhecimento de que, mediante a familiaridade com o mal, o homem se tornara cego à enormidade do mesmo», a qual pesava sobre Ele. «Não era o temor da morte que O oprimia. Nem a dor e a igomínia da cruz Lhe causava a inexprimível angústia». Era, pelo contrário a vista de multidões «ao alcance de abundante auxílio» e, no entanto, caminhando inconscientemente para a morte eterna que causou as «opressivas sombras» (*ibid.*, pp. 752, 753).

Jesus não tinha dúvidas algumas quanto ao Seu próprio destino, pois não era necessário que Ele morresse por Si mesmo. «Cristo aperfeiçoou um carácter justo aqui sobre a terra». — *Testimonies*, vol. 3, p. 371. Ele não cometera pecado; a Sua vida era aceite perante o Pai, e, como Homem, Ele tinha direito à vida eterna na base da Sua perfeita obediência. O diabo não tinha direitos sobre Ele. A necessidade da morte repousava inteiramente sobre o destino do homem pecador! Que estas considerações constituíram, contudo, uma grande luta pessoal, está revelado no facto de que, ao chegar aquele «tremendo momento ... que decidiria o destino do mundo», está escrito: «na balança oscilava a sorte da humanidade».

A verdade é que, mesmo então, Jesus poderia «recusar beber o cá-

lice reservado ao homem culpado. ... Poderia dizer: Receba o pecador o castigo do seu pecado, e Eu voltarei para meu Pai». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 517. Neste momento crucial, Satanás foi com certeza empolgado pela ansiedade, ao compreender a importância que tinha para ele e para os seus seguidores a decisão de Cristo. O Pai, também, deve ter-se aproximado, pois Ele também sabia que qualquer defecção na parte de Jesus neste momento significaria que homem algum poderia salvar-se! Mas Jesus foi «obediente até à morte» (Fil. 2:8). Assim foi que Jesus «que não conheceu pecado» se fez «pecado por nós» para que pela fé n'Ele pudéssemos ter direito à vida eterna (2 Cor. 5:21).

ACEITANDO A PROVISÃO

Não está longe o dia em que teremos de enfrentar o julgamento de Deus, pois vivemos no tempo em que «é vinda a hora do seu julgamento» (Apo. 14:7). Demais, como disse o apóstolo Pedro: «Já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus» (1 Pedro 4:17). É de notar que, embora tenhamos pensado nestas referências em relação ao tempo (à luz do julgamento investigativo), é verdade também que o ponto principal estabelecido pelo apóstolo, nesta passagem, é a necessidade para o povo de Deus de aceitar a provisão evangélica, pois conclui: «Se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?»

Quão mais pertinente se torna esta pergunta quando a fazemos a nós mesmos, embaixadores de Cristo, a quem foi entregue a divulgação do evangelho! Temos de reconhecer que «o homem ... não pode, por mero esforço humano, efectuar uma mudança radical em si mesmo. Tem que aceitar as provisões do evangelho; tem que se reconciliar com Deus por meio da obediência à Sua lei e fé em Jesus». *Testimonies*, vol. 4, p. 294. Se, como possíveis herdeiros do reino chegarmos a atingir o nosso alvo, temos de aceitar o princípio de que é «por meio de Cristo, e somente de Cristo, que as fontes da vida podem vitalizar a natureza humana transformar-

-lhe os gostos, e colocar-lhe as afeições rumo ao céu». *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 341.

Se bem que a Bíblia apresente um só caminho da salvação, podemos dizer com o apóstolo Paulo: «Porque uma porta grande e eficaz se me abriu» (1 Cor. 7:9). «Pecado algum pode ser cometido pelo homem, para o qual não se tenha dado satisfação no Calvário». — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 343. A substituição pelos nossos pecados foi completa. Está escrito: «Os pecados de todos aqueles que hão-de receber Cristo, foram postos à Sua conta. Ele satisfez por completo a justiça de Deus». — *Fundamentals of Christian Education*, p. 429. Contudo, tão completas que possam ser as provisões do evangelho, elas serão efectivas para nós somente na medida da nossa dependência em Cristo! O facto de Cristo ser o nosso substituto tem de ser aceite sem reservas ou então não terá proveito algum para nós!

CRISTO SUBSTITUIU-NOS

Se houve alguém que reconhecesse que Cristo morreu em seu lugar, sem talvez compreender que a Sua morte era uma substituição pelo pecado do homem, deve ter sido o malfeitor Barrabás. Enquanto se achava entre a multidão que contemplava a cena do Gólgota e olhava para os seus companheiros de roubos, crucificados um de cada lado de Jesus, ele deve ter cismado absorto: «Acolá estaria dependurado Barrabás, se não fosse Jesus Cristo!» E, quando Jesus gritou em agonia e «rendeu o espírito», ele deve ter suspirado de alívio: «Está consumado! Aquele homem morreu no meu lugar!» Assim reconheceu ele que a sua dívida à sociedade tinha sido paga por outro e que ele, embora imerecidamente, não devia mais fazer face ao castigo exigido pela lei.

Assim foi; assim será! Jesus fez-se «pecado por nós, para que nele

fôssemos feitos justiça de Deus» (2 Cor. 5:21). «Verdadeiramente ele tomou sobre si as *nossas* enfermidades, e as *nossas* dores levou sobre si; e nós o reputámos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido pelas *nossas* transgressões, e moído pelas *nossas* iniquidades: o castigo que *nos* traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos *sarados*» (Isa. 53:4, 5).

Não deveremos nós exclamar: «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; testificando também Deus, com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade?» (Heb. 2:3, 4).

«A nós compete decidir ser libertados da escravidão do pecado, e participar, se quisermos, da gloriosa liberdade dos filhos de Deus». — *Aos Pés de Cristo*, p. 46.

(Segunda-feira 6 de Novembro)

A MINHA JUSTIÇA É CRISTO

Por G. S. Balharrie

Adentro das fronteiras de um mesmo país podemos viajar sem encontrar praticamente qualquer impedimento. Podemos, sem qualquer dificuldade, passar de uma região ou de uma província para outra. Tudo se complica se desejarmos ir a um país estrangeiro. Chegando à fronteira, temos de parar para que as bagagens e documentos sejam inspeccionados pelas respectivas autoridades da alfândega e da polícia. Um agente da polícia dir-nos-á, decerto: «Mostre-me o seu passaporte, por favor». Se o passaporte estiver em ordem, tudo irá bem; caso contrário a nossa viagem terminará nesse momento.

Bilhetes de entrada permitir-nos-ão tomar parte em programas e assistir a concertos musicais. Um cartão de sócio dar-nos-á o benefi-

cio das vantagens do clube ou grupo a que tivermos aderido. É, pois, evidente, que muitos benefícios e facilidades estarão ao nosso alcance se possuímos a identificação requerida sob a forma de bilhetes, cartões ou passaportes. É evidente também que todos aqueles que se não tenham munido destes documentos serão privados de todas essas vantagens.

OS CRISTÃOS OLHAM PARA ALÉM DO MUNDO PRESENTE

Os interesses e objectivos do cristão encontram-se muito para além das satisfações passageiras do mundo presente. Nós teremos um dia a alegria «de voar sem nos fatigarmos até os astros longínquos». A vida eterna, a felicidade infinita e

um lar numa terra renovada, eis alguns dos objectivos que temos em vista. Mas como poderemos estar certos de os alcançar? De que bilhete precisamos para entrar no reino de Deus? Como adquirir o cartão que nos permitirá passar pelas portas de diamante da Nova Jerusalém? A Bíblia e, em particular, os ensinamentos de Jesus mostram claramente que certos indivíduos usufruirão dos benefícios do mundo vindouro, enquanto que outros serão privados.

Na sua conversa com Nicodemos (João 3), o Senhor indicou que mesmo um registo pessoal immaculado e uma genealogia remontada directamente a Abraão não são suficientes para permitirem a entrada no reino dos céus. Nicodemos devia provar que tinha «nascido de novo». Quando Jesus descreveu a cena do

juízo, apresentou vividamente duas classes de pessoas, «as ovelhas» à direita e «os bodes» à esquerda. Em que consistia a distinção entre essas duas classes? Simplesmente em que o primeiro grupo tinha alimentado os famintos, vestido aos que estavam nus e visitado os doentes. Os outros tinham negligenciado fazê-lo. (Mat. 25:31-46).

Na parábola dos talentos, os servos «bons e fiéis» entram na alegria do seu mestre, mas o servo «mau e preguiçoso» é lançado «nas trevas exteriores» (Mat. 25:14-30). Na parábola das dez virgens (vers. 1 a 13), as jovens que tinham as lâmpadas acesas entraram na sala das bodas. A porta conservou-se fechada para as restantes.

O VESTIDO DE NOIVADO

Numa outra ocasião Jesus contou a história de uma boda para a qual os convidados recebiam um vestido especial a fim de que todos se apresentassem correctamente vestidos. Um certo homem conseguiu entrar sem o vestido de noivado. Da mesma maneira falsos cristãos conseguem introduzir-se na Igreja. Mas a questão é: Como subsistirão eles no dia do julgamento? Quando o rei veio cumprimentar os seus hóspedes, esse homem foi obrigado a enfrentar o julgamento. Ele atraía a atenção e ficou mudo. Mas o rei sabia perfeitamente o que dizer. As suas ordens foram: «Amarrai-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores». O vestido de noivado de que tanto necessitava fez toda a diferença entre a sua aceitação ou rejeição.

Será acaso o vestido de núpcias a nossa maior necessidade no momento presente? Que representa esse vestido na experiência do cristão? Notem esta frase significativa tirada do Livro *Parábolas de Jesus* (*Christ's Object Lessons*, p. 310): «O vestido de núpcias da parábola representa o carácter puro e sem mancha que possuirão os verdadeiros discípulos de Cristo». Querirá isto dizer que um «carácter puro e sem mancha» é absolutamente indispensável para que sejamos admitidos nas mansões celestiais e recebamos a vida eterna? A seguinte declaração tirada de *Aos Pés de*

Cristo, p. 66, esclarece este ponto: «As condições da vida eterna são hoje as mesmas que eram no paraíso, antes da queda dos nossos primeiros pais: uma obediência perfeita à lei de Deus, uma justiça perfeita».

Podemos possuir excelente saúde, ter uma boa apresentação e vestuário atraente. Podemos crer que somos ricos. Mas, com sinceridade absoluta, a maioria de nós hesitaria em afirmar possuir um «carácter puro e sem mancha» ou «uma justiça perfeita». Com efeito, alguns poderiam declarar que, por natureza, não possuímos em nós justiça perfeita». E seria fácil provar esse ponto apoiando-se na Bíblia. O salmista afirma que «não há quem faça o bem, não há sequer um» (Sal. 14:3). Depois de citar este passo, Paulo oferece o seguinte comentário: «Não há um justo, nem um sequer» (Rom. 3:10). É óbvio que o homem é completamente destituído daquela justiça que é, todavia, o passaporte sem o qual ele não poderá entrar no reino de Deus.

À PROCURA DA JUSTIÇA

Quando alguém tem sede, procura uma fonte, uma nascente ou um poço onde satisfazer a sede. Se tiver fome, procurará lugar onde existam alimentos. Job fez a seguinte pergunta: «Mas onde se achará a sabedoria?» (Job 28:12). Para nós a pergunta vital é: «Onde se achará a justiça?»

Existem pessoas que se não interessam por uma vida de justiça, mas que se deleitam na maldade e sentem prazer em divertimentos pecaminosos. Os cristãos não pertencem a esta categoria de pessoas. Nós odiamos o pecado que causou a morte do Filho de Deus e, contudo, continuamos a pecar. Paulo teve, com certeza, um problema semelhante. Disse ele: «Porque o que faço não aprovo; pois o que quero não faço, mas o que aborreço isso faço. ... Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço» (Rom. 7:15-19).

Um certo picheleiro, conhecido pela sua impiedade, decidiu modificar-se e fazer-se cristão. Os seus camaradas vigiavam-no com atenção para ver que efeito teria a re-

ligião sobre a sua linguagem. Uma ocasião em que ele fazia um difícil movimento de torção com uma pesada chave inglesa, esta escorregou ferindo-o seriamente na mão. No passado, uma experiência deste género tê-lo-ia levado a uma explosão de blasfêmias. Nesse dia, porém, ele sofreu em silêncio, enquanto que grandes bagas de suor lhe desciam pela face. Um pouco mais tarde, logo que se apaziguou a tempestade interior, um camarada de trabalho fez a seguinte observação: «Muito bem, Bill, alcançaste o que procuravas». Ao que ele respondeu: «Agradeço-te, mas ainda tenho muito que andar. Não posso satisfazer-me com a mera disciplina da língua, e refrear o desejo de jurar. É necessário perder esse desejo». É bem esse o ponto. Mas como alcançá-lo?

TER FOME DE JUSTIÇA

Sim, como chegar a esse ponto? O desejo profundo dos nossos corações é de perdoar àquele irmão que nos ofendeu. Gostaríamos de nos reconciliar com ele, mas o nosso orgulho ou o desejo de vingança separam as fontes que podem curar a alma e condenam-nos a perecer no deserto do ódio. Nós não desejamos cobiçar a casa do nosso próximo ou o seu belo automóvel ou o seu trabalho e, contudo, fazêmo-lo muitas vezes. Aspiramos à pureza dos pensamentos e da vida, mas como obtê-la?

Semelhantes lutas originam conflitos reais no coração humano. E o cristão não está isento. Como disse o apóstolo Paulo: «Com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem» (Rom. 7:18). Diz-nos, Paulo: «nunca alcançaste esse objectivo?»

Para um cristão com a estrutura de Paulo, uma só resposta é possível: «Posso todas as coisas naquele que me fortalece» (Fil. 4:13). Paulo, o que tu dizes é maravilhoso; a tua triunfante confissão de fé toca os nossos corações. Estamos convencidos de que o Cristo te fortificou para que pudesses realizar as tuas extensivas viagens missionárias, e susteve-te para que pudesses suportar com nobreza as numerosas e duras perseguições que afrontaste.

Mas, no que respeita à tua vida pessoal e à tua procura da justiça, o Cristo satisfaz também as tuas necessidades? Ouçamos a sua resposta: «Para mim o viver é Cristo» (Fil. 1:21). «Cristo vive em mim» (Gál. 2:20). «Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça e santificação, e redenção» (1 Cor. 1:30).

Lembram-se ainda da história do homem e do vestido de núpcias. Este vestido «representa o carácter puro e sem mancha que possuirão os verdadeiros discípulos de Cristo» (*Christ's Object Lessons*, p. 319). Mas como obter esse carácter puro e sem mancha? Continuando a citação, lemos: «É a justiça de Cristo, o Seu carácter sem mancha, que é comunicado pela graça a todos quantos O recebem como seu Salvador pessoal» (*Ibid.*).

O DOM DA JUSTIÇA

Paulo fala desta experiência como do «dom da justiça» (Rom. 5:17). Cristo é a nossa fonte de justiça, a qual recebemos como um dom. Logo que aceito Cristo como meu Salvador, recebo nesse mesmo momento um bilhete de passagem para a vida eterna. «A justiça que nos justifica ... dá-nos o direito de entrada no céu» (*Mensagens aos Jovens*, p. 35). Mas como podemos nós alcançá-la e segurá-la? Qual será o elo, a ponte ou a articulação que nos liga a esta justiça de Cristo? Numa só palavra a resposta é: «fé».

A fé aceita essa justiça como um facto porque Deus assim o afirma. A fé é uma das forças mais poderosas na vida humana. Não podemos viver sem ela. Todo o progresso humano tem a sua raiz na fé. Agora Deus diz-nos que possui reservas de justiça suficientes e à disposição de quem quiser aceitá-las. A nós compete-nos crer na Sua palavra. «Para obter a justiça, o pecador tem apenas um meio, a fé. Pela fé podemos apresentar a Deus os méritos de Cristo e o Senhor imputa-nos então a obediência do Seu Filho. A justiça de Cristo substitui a falta de justiça humana. Deus recebe, perdoa e justifica aquele que se arrepende e crê; considera-o co-

mo justo e ama-o como a Seu Filho» (*Mensagens Escolhidas*, livro I, p. 367).

JUSTIÇA PARA O MOMENTO PRESENTE

É, por conseguinte, evidente, que a justiça de Cristo cobre a nossa vida anterior, de tal maneira que não somos mais assediados pelos fantasmas do passado. Ela dá-nos ainda o direito de entrada no céu e responde assim aos nossos desejos futuros. Mas, em relação ao momento presente, que pode fazer por mim, hoje, a justiça de Cristo?

Paulo responderia: Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências» (Romanos 13:14). Que efeito terá isto em nós? Pela graça de Deus, esforçar-nos-emos de pôr a nossa vida de harmonia com a maneira de viver de Cristo.

É fácil pensar que a expressão «a justiça de Cristo» é apenas um mero lema ou um termo abstracto muito distante das situações reais da vida. A justiça de Cristo é, pelo contrário, algo de muito prático. Presentemente, esta expressão relaciona-se com tudo o que Jesus fez e, num sentido, descreve o género de pessoa que Ele foi. Para descobrir a que se assemelha a justiça olhemos para Jesus. Ele é a encarnação da justiça. Lembrem-se de que, quando os discípulos de João vieram a Jesus perguntando: «És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro» (Mat. 11:3), Jesus disse-lhes que ouvissem e vissem durante algum tempo e, depois, voltassem a João a contar-lhe o que tinham visto e ouvido. As Suas palavras e as Suas obras eram as suas testemunhas mais convincentes.

USANDO A JUSTIÇA DE CRISTO

Jesus convida-nos a pôr a Sua justiça e a usá-la. Ele sabe que ficaremos satisfeitos com o espectáculo e gostaremos de ver que bem parecem as outras pessoas que também estão vestidas «com o manto da justiça» e com os «vestidos de salvação» (Isaías 61:10). Esta mudança de «vestuário» pode produzir uma mudança maravilhosa na nossa vida, porque «todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um es-

pelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor» (2 Cor. 3:18). Deus quis que fôssemos «conformes à imagem de Seu Filho», diz-nos Paulo na epístola aos Romanos (8:29). Devemos ser, lembramos Pedro, «participantes da natureza divina» (2 Pedro 1:4).

Ellen G. White declara que o objectivo do ministério terrestre de Jesus era recriar o homem à imagem de Deus, o que significa que «a justiça de Cristo tornar-se-á a nossa justiça» (*Mensagens aos Jovens*, p. 107). A demonstração será feita pelo género de pessoa que nós somos. «A justiça de Cristo consiste em acções justas e em boas obras provenientes de motivos puros e generosos» (*Testimonies*, vol. 3, p. 528).

Qual será o resultado de tudo isto na vida do cristão? «Aquele que se confia à justiça de Cristo pode tornar-se um homem perfeito em Jesus» (*Testimonies to Ministers*, p. 150). Aproximar-nos-emos assim certamente do carácter puro e sem mácula e da justiça perfeita de que necessitamos para entrar no reino. Mas tudo isto é obra da graça que Deus faz em nós mediante a nossa cooperação. «Porque somos feitaura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras» (Efé. 2:10).

Fará Deus tudo isto com o mero fim de satisfazer os nossos interesses egoístas e dar-nos um passaporte para o Paraíso? Oh, não! O Senhor tem em mente planos maiores do que estes. Cristo deseja que sejamos revestidos da Sua justiça para que as nossas vidas e a nossa maneira de ser atraíam a Cristo outros pobres pecadores. Paulo escreve que somos dados em espectáculo (1 Cor. 4:9). O nosso papel consiste em anunciar as virtudes d'Aquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (1 Pedro 2:9). Devemos demonstrar perante um mundo admirado a superioridade da vida cristã. Se o fizermos, como Jesus o fez, o mundo notá-lo-á certamente.

UMA JUSTIÇA MARAVILHOSA

Porque fazia Jesus uma profunda impressão sobre os seus contemporâneos? Os evangelhos contêm nu-

meras expressões tais como: «eles foram tomados de espanto», «todos ficaram maravilhados», «as turbas maravilharam-se». Na sinagoga, em Nazaré, todos «se maravilharam das palavras de graça que saíam da sua boca» (Luc. 4:22). Quando Jesus pregava, usava «palavras de graça». Seria possível que um número maior de pessoas viessem a Jesus se nós agíssemos da mesma maneira? Um dia a polícia do templo foi enviada para prender Jesus. Os agentes voltaram e disseram aos principais dos sacerdotes que homem algum jamais falara como este homem (João 7:46).

Quão verdadeiro era o seu testemunho! As palavras de Jesus sempre agiram sobre o coração humano. Existiu sempre um elo de ligação entre a justiça de Cristo, as Suas palavras e a Sua maneira de falar. Se desejamos que as nossas vidas sejam uma demonstração da

justiça de Cristo, devemos considerar as nossas palavras e com que espírito as utilizamos.

A nossa conversação cristã devia certamente ser uma força eficaz para proclamar ao mundo o que significa, na vida dos homens, a justiça de Cristo.

Quem via a Jesus, recebia também uma impressão durável do que fazia. Pedro conta que Jesus «andou fazendo o bem, e curando a todos os oprimidos do diabo» (Actos 10:38).

A justiça de Cristo implantada nas nossas vidas derramar-se-á em bênçãos na vida de outros. Muitos são os que se acham atormentados pelo medo e acobardados pela culpa. Eles devem saber que o bálsamo de Gilead cura a alma que o pecado feriu. Eles devem saber que existe alguém que se interessa por eles e que em Deus se encontra perdão.

Jesus captava a atenção dos Seus contemporâneos porque era divinamente diferente. Eles espantaram-se das suas palavras de graça, maravilharam-se da sua vida de serviço e de amor. Mas foi o Seu sacrifício que lhes causou a maior admiração. Eu sinto sempre algo de diferente e poderoso «quando contemplo a cruz maravilhosa na qual morreu o Príncipe da glória». Os que se reuniram aos pés da cruz e viram-no morrer, nunca mais esqueceram aquela cena. A pregação da cruz tornou-se o tema da sua mensagem às multidões, porque ali podia o mundo ver até onde Deus estava disposto a ir para salvá-los.

A nossa tarefa, prezados amigos, consiste em exaltá-l'O e em elevá-l'O bem alto por entre a multidão expectante, pois Ele mesmo disse: «E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim» (João 12:32). Junto da cruz experimentamos a poderosa atracção de Cristo, justiça nossa.

(Terça-feira 7 de Novembro)

O PODER QUE ME SANTIFICA É CRISTO

Por *Marius Fridlin*

O piloto automático de um avião moderno é uma invenção notável. Ao visitar um dia as diferentes ilhas da União das missões do Oceano Índico, encontrava-me no avião que liga a Reunião a Tananarive, a capital de Madagáscar. O comandante, que eu conhecia pessoalmente, convidou-me a fazer-lhe companhia na cabine do piloto. Ele estava aí só nesse dia. A cadeira do piloto estava desocupada, pois este estava de pé e tomava o pequeno almoço enquanto conversávamos. Era evidente que o avião viajava sem a intervenção do homem. Que se passava? O comandante do avião, depois deste ter atingido a altura prescrita e ter sido posto na rota exacta, tinha ligado o piloto automático.

O avião voava normalmente e com toda a segurança, o que dava ao piloto a possibilidade de descansar um pouco.

Muitos cristãos pensam que a sua vida espiritual pode ser comparada ao piloto automático. Vêm que, depois de terem atingido «a altitude» desejada, reconhecendo e aceitando a Jesus, e terem posto o rumo na direcção da Nova Jerusalém, podem entregar tudo nas mãos do piloto automático e chegar à cidade celeste sem dificuldade. E assim rumam, no domínio espiritual, o mais confortavelmente possível. Mas, semelhante teoria não tem validade no que respeita a vida cristã. Nada há de automático na vida de um filho de Deus. Esta é um com-

bate que deve ser activamente ferido dia após dia.

Devemos cada dia renovar a nossa consagração ao Senhor. O apóstolo Paulo exprimia essa renovação nos seguintes termos: «Para que não sejamos mais meninos inconscientes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente, antes... crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo». «Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo» (Efé. 4:14, 15, 13).

Estamos na realidade envolvidos numa batalha quando lutamos con-

tra os poderes das trevas. Nada há de automático na nossa vida espiritual. Os seres humanos têm a tendência de viver confortavelmente, mas pode o cristão abandonar o combate quando o pecado aumenta o seu império, e a consciência sucumbe? Um cristão formalista poderá crê-lo. Desinteressa-se dos mandamentos de Deus ou dos princípios da Sua palavra. Os homens actuais, constatando que não podem guardar os mandamentos de Deus, entregam-se a uma vida de imoralidade. Abandonam-se à vida.

PERSEGUINDO A SANTIDADE

O cristão autêntico, pelo contrário, toma as coisas seriamente. Jesus não morreu na cruz para que nós fiquemos como somos. Ele quer fazer de nós novas criaturas pelo Seu Espírito Santo. Isto quer dizer que devemos considerar este problema muito seriamente. Hebreus 12:14 reza assim na nossa versão: «Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor». Martinho Lutero, na sua tradução em alemão, diz: «Persegui a santidade». Conhecemos o sentido que tem a palavra «perseguição» no mundo actual. Não é necessário dar uma definição. O aumento de velocidade na terra, no mar e no ar constitui uma das características do nosso tempo. Toda a gente se apressa e vai atrás do dinheiro, da fama, da influência e do poder. São numerosos os que tombam pelo caminho, vítimas desta perseguição. No entanto, existe uma «perseguição» que Deus reconhece e nos ordena. Se tão-somente usássemos a nossa energia em perseguir a santidade em vez das coisas que perecem! «Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (1 Tes. 4:3).

A santidade nada tem que ver com a piedade exagerada produzida pelos nossos próprios esforços. Ser santo significa pertencer inteiramente a Deus. Cristo proveu plenamente o caminho pelo qual nos podemos tornar santos: «Eu por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade» (João 17:19). «Porque assim o que santifica, como os que são santificados, são

todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos» (Heb. 2:11).

O NOSSO MODELO PERFEITO

Ellen G. White escreveu: «Cristo declara que se santificou a Si mesmo para que nós sejamos também santificados. Ele tomou sobre Si a nossa natureza e tornou-se um modelo perfeito para os homens. Não cometeu erro algum para nos dar a possibilidade de ser vitoriosos e entrar no Seu reino como vencedores. Pediu a Deus que fôssemos santificados pela verdade. Que é a verdade? Jesus declarou: 'A Tua palavra é a verdade'. Era preciso que os Seus discípulos fossem santificados pela obediência à verdade. Disse Ele: 'E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim'. Esta oração foi feita por nós; nós acreditamos no testemunho dos discípulos de Cristo. Jesus pede que os Seus discípulos sejam um assim como Ele e o Pai são um e esta unidade dos crentes deve demonstrar ao mundo que Ele nos enviou e que testemunhamos em favor da Sua graça.

«É imprescindível que nos encontremos em união mais íntima e santa com o Redentor do mundo. É preciso que sejamos um com Cristo assim como Ele é um com o Pai. Que mudança maravilhosa se operaria no seio do povo de Deus se ele tivesse uma comunhão mais estreita com Cristo! É preciso que os nossos gostos, as nossas inclinações, as nossas ambições e as nossas paixões sejam completamente submetidas e postas de harmonia com o pensamento e o espírito do Senhor. Esta é precisamente a obra que o Salvador deseja fazer pelos que crêem nele. A nossa vida e maneira de ser devem ter uma influência decisiva sobre o mundo. É preciso que o espírito de Cristo domine a vida dos Seus discípulos para que falem e operem como Jesus. Cristo declara: Dei-lhes a glória que Tu me deste. ...

«A graça de Cristo deve operar uma transformação maravilhosa na vida e no carácter daquele que a recebe; E se somos realmente os discípulos do Mestre, o mundo constatará que o poder de Deus

agiu sobre nós; porque, embora estejamos neste mundo, não somos do mundo» (*Avec Dieu chaque jour*, p. 256).

TRÊS MEIOS DE SANTIFICAÇÃO

Cristo, o Filho de Deus, santificava-nos se o aceitarmos plenamente, se procurarmos comungar com Ele, se crermos nele, se agirmos segundo a Sua santa palavra e se formos baptizados pelo Seu Espírito. Apenas a acção de Cristo, da Sua Palavra e do Espírito Santo nos pode comunicar a força para viver na santidade. «Segui ... a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14).

Meus caros irmãos e irmãs é bem esta a nossa experiência de todos os dias? Nós que professamos ser fiéis adventistas do Sétimo Dia, vivemos nós a este nível, ou temos nós que reconhecer a nossa insuficiência? Examinemo-nos com sinceridade.

É sempre com benefício que se estuda a história da vida de Paulo, a sua conversão e vida subsequente. Ela dá-nos uma ideia do que representa uma vida transformada e santa.

O pensamento de Paulo deixou de preocupar-se com ele próprio e voltou-se para o Salvador. Eis como ele explica a sua conversão em Gálatas 2:20: «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim». A vida transformada caracteriza-se pelo abandono completo do eu para que desapareça em alguém maior do que nós, Cristo, nosso Senhor. Paulo refere-se algures a estar «escondido com Cristo» (Col. 3:3).

O objectivo seguido por Paulo foi modificado pela sua conversão: ele passou da perseguição à igreja à proclamação do Cristo ressuscitado. Quando somos transformados pelo Evangelho eterno, os nossos planos são assim também modificados.

Jesus morreu na cruz por um número de pessoas que perseguem a Igreja hoje, sem ter consciência do que fazem. Fazem-no contudo de maneira diferente de Paulo, seguindo métodos ainda mais nocivos: críticas desleais e injustas com res-

peito aos dirigentes, aos obreiros e aos membros. O progresso da Igreja é assim comprometido. A indiferença, a mornidão e ausência de oração e de generosidade retarda o seu crescimento. A introdução na igreja de instituições e de programas mundanos é prejudicial ao seu êxito.

Se formos realmente transformados viveremos de harmonia com os princípios da Bíblia, tais coisas serão estirpadas da nossa vida. A Igreja e a proclamação da tríplice mensagem ocupar-nos-ão totalmente.

Caros irmãos e irmãs, crucificamos nós o eu dia após dia para que Cristo viva totalmente no nosso coração? Ou temos sido infieis para conosco mesmos, para com os irmãos e a Igreja? Não acontecerá mais frequentemente do que seria para desejar que preguemos a nós mesmos em vez de pregar a Jesus Cristo, que nos glorifiquemos em vez de O glorificar, atraindo sobre nós a atenção dos homens em vez de a fazer cair sobre o Filho de Deus e a Sua cruz?

O ESTUDO DA BÍBLIA É INDISPENSÁVEL

Na nossa vida de todos os dias tem sido Cristo sempre o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último — esse Cristo que sofreu enquanto viveu nesta terra, e cuja segunda vinda está muito próxima? Possuímos nós a graça, a doçura, a humildade, a compaixão e o amor do Filho eterno de Deus? Imitamo-lo nós, dia após dia, anunciando aos outros a Sua mensagem derradeira esforçando-nos sem descanso por salvar os que se perdem? Os Seus dias de jejum e as Suas noites de vigia e oração devem servir-nos de exemplo. Tenhamos constantemente a plenitude do espírito de Cristo e sigamos fielmente os Seus passos até à Sua gloriosa vinda.

A Palavra de Deus, a santa Bíblia, ocupa nas nossas vidas o lugar a que tem direito? Honramo-la estudando-a regular e cuidadosamente? Muitas vezes damos maior importância ao que os homens pensaram, disseram ou escreveram do que à Bíblia. Não devíamos de maneira nenhuma continuar a beber nas cisternas rotas da humanidade

mas atender resolutamente ao que Deus disse. É necessário que estudemos a palavra de Deus mais e mais. Em espírito de oração e de recolhimento, alimentemos as nossas almas com a Palavra e não permitamos que a atmosfera febril dos nossos dias nos distraia.

«Para os discípulos de Cristo, nunca houve época em que o estudo da Bíblia fosse mais importante do que hoje. Influências enganadoras envolvem-nos de todos os lados. É essencial que nos aconselhemos com Jesus, o nosso melhor amigo. ... David declara: 'Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti'. Quantos não são arrastados ao pecado por não ter estudado a Bíblia com espírito de oração! Ignorando, por conseguinte a natureza ofensiva do pecado, não descobriram o meio de lhe resistir com firmeza. Quando tentados, não têm defesa nem conhecem os desígnios do inimigo. Vivemos em tempos perigosos e, à medida que nos aproximamos do fim da história do mundo, aqueles que se não familiarizarem com a palavra de Deus não terão protecção. ... Tudo o que puder ser sacudido, sê-lo-á. ... Os filhos de Deus chegaram ao ponto mais perigoso da sua peregrinação; as redes e as ratoeiras do inimigo encontram-se por toda a parte. Guiados, porém, pelo Senhor e pelo que está claramente revelado na Sua Palavra, podemos marchar com toda a segurança e sem vacilar. ... Uma voz do céu nos interpela nas suas páginas». (E. G. White, *Sons and Daughters of God*, p. 190).

A IMPORTÂNCIA DO ESPÍRITO SANTO

O terceiro e importantíssimo agente que nos comunica o poder de uma vida santificada em Cristo é o Espírito Santo. Numa das suas viagens missionárias, o apóstolo Paulo encontrou alguns discípulos ao chegar a Éfeso. Ele perguntou-lhes antes de mais: «Recebeste vós já o Espírito Santo, quando crestes?» (Actos 19:2). Aos olhos deste bravo servo de Deus esta pergunta era importante. E aos nossos, prezados irmãos e irmãs? Damos ao Espírito Santo o lugar a que tem direito nas nossas vidas? Compreen-

demo nós a necessidade do Seu ensino, da Sua acção e unção? «E vós tendes a unção do Santo, e sabeis tudo» (1 João 2:20). Quantas vezes não o temos entristecido pela maneira inconsequente como vivemos, pela nossa mentalidade mundana e pelo esquecimento da oração! Procuremos o Senhor e concedamos mais importância a este aspecto vital da nossa vida cristã.

Alguém fez um dia uma pergunta sobre o Espírito Santo a um velho pouco versado nas ciências universitárias, mas cheio de sabedoria no domínio espiritual: «Como se pode dizer que o Espírito está em vós e ao mesmo tempo que vós estais no Espírito?» Procurando a resposta exacta junto à chaminé onde se encontrava sentado, o velho pôs o atiçador no fogo e deixou-o ali ficar. Depois de alguns minutos de silêncio, o atiçador tornou-se vermelho. Tirando-o do fogo, o velho perguntou: «Que se deve dizer? O atiçador estava no fogo ou o fogo estava nele?» As duas coisas são verdadeiras sem dúvida alguma. Quando estamos no Espírito, temos em nós o poder do Espírito. O Espírito é indispensável a quem procura a santificação.

Que nós que professamos esperar Jesus em breve, não nos conformemos com o mundo, mas procuremos mais ardentemente a aprovação de Deus.

«Que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus» (2 Pedro 3:11, 12).

O caminho do céu é frequentemente acidentado. Ali se encontram sarças e espinhos, mas podemos seguir confiados por ele sabendo que o nosso bem-amado Salvador por ali passou antes de nós. Regozijemo-nos de que podemos ali seguir os Seus passos e de poder finalmente partilhar da Sua glória.

Lutemos cada dia para ser homens e mulheres cristãos no pleno sentido da palavra. Que toda a nossa vida proclame que Cristo vive em nós e que esperamos a bem-aventurada esperança e a aparição gloriosa de Jesus.

«A santificação verdadeira ... exige nada menos do que a morte diária do eu e uma conformidade constante com a vontade de Deus». (*Life Sketches*, p. 317).

O MEU EXEMPLO É CRISTO

Por V. W. Schoen

Jesus abandonou a corte celeste, a glória real e a adoração do universo para vir habitar com a humanidade perdida. Esta aventura tornou-se a maior história de todos os tempos. «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (João 1:14). «Nele se manifestou a vida e esta vida era a luz dos homens» (João 1:4, Phillips).

Quem compreende este mistério, as acusações de Satanás e a incapacidade do homem para resistir ao mal alegra-se no facto de Jesus ter vindo a este mundo. A Sua vinda trouxe-nos uma melhor compreensão da vida e uma esperança gloriosa para o futuro. O ministério terrestre de Cristo deu um novo sentido à existência humana e uma nova direcção à vida. Ele nos ensinou de novo a viver com Deus e com os homens.

«SEGUE-ME»

«Segue-me» (Mat. 4:19; Marc. 2:14; Luc. 5:27; João 1:43). Todos os dias essas palavras soaram sobre as colinas da Judeia e nas margens do lago da Galileia, nas densas e ruidosas ruas de Jerusalém, no átrio do templo e nas casas de pessoas acolhedoras e bondosas. «Segue-me». Em muitas instâncias essas foram as únicas palavras pronunciadas. Eram significativas e peremptórias. Aqueles que obedeceram a essa ordem puderam ouvir os ensinamentos e observar as obras de Jesus. Viram a verdade personificada em Jesus Cristo e tomaram importantes decisões. Seguiram-no e a sua vida transformou-se. Diziam-lhes Jesus: «Quem me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida» (João 8:12).

Nem sempre era fácil seguir o Mestre. Isso implicava por vezes a perda de amigos e do trabalho, e algumas vezes a perseguição e o sofrimento. Mas, a despeito de to-

das essas coisas, havia alguns que O seguiam. O que quer que fosse a experiência exterior por que passassem, aqueles que seguiam o Mestre compreendiam que para eles a verdadeira vida principiara.

Depois da ascensão de Cristo, Pedro lembrava aos crentes: «Porque para isso sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas» (1 Pedro 2:21).

«Não devemos imitar a ninguém. Nenhum homem é suficientemente sábio para nos servir de modelo. Devemos olhar para Jesus em quem reside a perfeição da justiça e da santidade. Ele é o autor e o consumidor da nossa fé. Ele é o modelo. A sua vida e o Seu carácter dão-nos a medida da vida e do carácter que devemos anular» (*The S. D. A. Bible Commentary*, comentário de E. G. White sobre Apo. 7:14-17, p. 970). Seguir a Jesus tem grande significação na nossa vida presente e, se seguirmos paciente e fielmente as Suas pisadas, chegaremos finalmente às portas da cidade prometida.

O GRANDE PRINCÍPIO DA VIDA

No Seu comportamento de todos os dias e nas Suas relações com os homens, Cristo guiou-se sempre por um grande princípio. Ouvi em que termos Ele explica a Sua filosofia, como se encontra no Evangelho de S. Mateus: «O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mat. 20:28). E o apóstolo Paulo, ao sondar o ministério terreno de Cristo, acrescenta que Ele tomou «a forma de servo» (Fil. 2:7).

Pensai na última refeição que o Senhor comeu com os Seus discípulos. Ele tinha-lhes explicado e ensinado a vontade de Deus por palavras e obras. Chegado o termo do Seu ministério terreno, Cristo resumiu os Seus ensinamentos sobre o verdadeiro sentido da vida to-

mando uma bacia e uma toalha e ajoelhando-se para lavar os pés dos seus discípulos.

«Compreendeis bem o que acabo de vos fazer?» perguntou-lhes. «Chamais-me 'Mestre' e 'Senhor' e tendes razão, porque Eu sou o vosso mestre e Senhor. Mas, se Eu, vosso mestre e Senhor, vos lavei os pés, deveis também estar prontos a lavar os pés uns aos outros. Tenho-vos feito isto como exemplo para que façais como Eu tenho feito. Digo-vos, o servo não é maior do que o seu Senhor e o mensageiro não é maior do que aquele que o enviou. Logo que tiverdes compreendido estas coisas, encontrareis a vossa felicidade pondo-as em prática» (João 13:13-17, Phillips).

Porque deu Jesus uma tal mensagem aos Seus discípulos? Para lhes ensinar a ser humildes? Certamente! Mas mais do que isso. Ele convidou-os a uma vida de serviço em amor (Gál. 5:13). Os cristãos sempre compreenderam este grande princípio. Reconheceram e admitiram que é impossível seguir a Cristo sem escolher o caminho do serviço. O grande apóstolo Paulo cria neste princípio e pôs a sua vida ao viço. O grande apóstolo Paulo cria creveu que também nós fomos libertados do pecado para sermos servos de Deus (Rom. 6:22).

O TESTEMUNHO PESSOAL

Quando dizemos que servimos a Deus, que entendemos por essa expressão? Que especie de serviço espera Deus de nós? Podem fornecer-se várias respostas teológicas complicadas, mas sejam as nossas simples e práticas. Deus quis associar-nos à realização do plano da salvação. Devemos estar conscientes do facto de que Ele tem necessidade de nós. Cristo veio a este mundo procurar os que se tinham perdido. Este deveria ser o objectivo supremo da vida de todo aquele que professa ser Seu discípulo. «Deve-

ríamos todos ser obreiros com Deus. O Senhor não conta os ociosos como servos Seus» (*Christian Service*, p. 10). Naturalmente «Deus poderia ter atingido o Seu objectivo de salvar os pecadores sem o nosso concurso; mas para que se forme em nós um carácter semelhante ao de Cristo, devemos ter parte na Sua obra» (*The Desire of Ages*, p. 142). Por essa razão, «todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário. Aquele que bebeu da água da vida torna-se ele mesmo uma fonte de vida. Depois de ter recebido, principia a dar» (*Ibid.*, p. 195).

A realização de tal programa exige o testemunho pessoal. A Igreja confessa a sua fé em cada página do Novo Testamento. O testemunho diário tornou-se a maneira de vida dos cristãos. A religião era a vida deles e, por ela, valia a pena viver. As relações entre o homem e Deus não se fundavam unicamente sobre uma ideia da verdade mas repousavam sólidamente sobre um facto — experiência pessoal com Cristo. E falar desta experiência era assunto de alegria para todos.

Uma vida caracterizada por um testemunho constante e corajoso e por um envolvimento pessoal torna-se forte e dinâmico. Com efeito, o Evangelho era a vida deles e o anunciavam generosamente ao mundo. Ao dar, eles mesmos recebiam. «Quanto mais luz dermos, maior será a nossa própria luz» (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 139). «É quando nos entregamos a Deus para servir a humanidade, que Ele Se nos dá a nós» (*Thoughts From the Mount of Blessing*, p. 81).

Todo o céu observa a Igreja com intenso interesse para ver o que faz individualmente cada membro para esclarecer aqueles que se acham em trevas» (*Christian Service*, p. 89). Respondemos nós adequadamente a este apelo como indivíduos e como Igreja?

A Palavra de Deus é o símbolo visível do nosso movimento. Em vários países e ocasiões temos sido chamados e nos chamam ainda o povo do Livro. O testemunho que devemos dar apoia-se sobre dois factos indiscutíveis: a nossa própria experiência pessoal da graça salvadora de Deus e as santas Es-

crituras, a Bíblia. O Adventismo é uma religião da Bíblia e, aqueles que são verdadeiros Adventistas devem ser homens e mulheres do Livro de Deus. A realização do nosso serviço para Deus ou, como o afirmámos antes, o nosso testemunho pessoal está estreitamente ligado à Bíblia.

A serva do Senhor disse à Igreja remanescente que o nosso dever é «levar a Palavra de Deus de porta em porta» (*Evangelism*, p. 434). Não devemos falar de nós mesmos. Somos os porta-palavras de Deus. A Sua palavra constitui a nossa mensagem. A nossa responsabilidade consiste em abrir aos nossos semelhantes os mistérios do reino de Deus. Tal é o serviço que Deus espera de nós. Logo que a Igreja se consagrar a este serviço, as vidas serão transformadas e o mundo sentirá os seus efeitos de uma maneira sem precedentes.

A RESPOSTA DO AMOR

Alegria o coração ver como a Igreja de Deus aceita esta responsabilidade e está a responder ao apelo de Deus. O número daqueles que se dedicam ao trabalho missionário aumenta rapidamente no mundo inteiro. Os nossos membros leigos consagrados vão a casa dos seus vizinhos, visitam os hospitais e as prisões e levam aos corações e aos lares partidos as promessas de Deus.

Há muitos anos, Ellen G. White escrevia: «Muitas pessoas pensam que seria um grande privilégio poder visitar os lugares onde Jesus viveu, de marchar pelas estradas que Ele mesmo percorreu, de contemplar o lago de cujas margens Ele gostava de ensinar, as colinas e os vales em que os Seus olhos frequentemente repousaram. Mas não há necessidade de ir até Nazaré, a Capernaum ou a Betânia para andar por onde Cristo andou. Podemos encontrar a marca dos Seus pés junto do leito dos doentes, nas cabanas dos pobres, nas ruas estreitas e apinhadas das grandes cidades, por toda a parte onde os corações dos homens têm necessidade de consolo. Fazendo o que Jesus fez enquanto viveu nesta

terra, andaremos sobre os Seus passos» (*The Desire of Ages*, p. 640).

UMA GRANDE NUVEM DE TESMUNHAS

A última vez que vi a irmã Kelly, tinha ela 84 anos. Depois de eu ter convidado a igreja a dar um testemunho mais entusiasta da sua fé em Jesus Cristo, ela aproximou-se de mim e perguntou-me: «Irmão Schoen, pensa que eu seja capaz de fazer isso?»

«Com certeza; a irmã está incluída e faz parte do programa. O seu testemunho é necessário e pode ser fecundo para Deus».

Ela aceitou o apelo e, no ano seguinte, o seu testemunho pessoal trouxe seis almas a Jesus.

Um rapazito de 8 anos estava a trabalhar na Campanha das Missões. Ele testemunhava por Deus, porque isto é o que significa a Campanha. Ao aproximar-se de uma das casas ouviu grande barulho. Cheio de medo, ia partir mas não pôde. Bateu à porta. A porta abriu-se e uma senhora idosa, pálida, olhou para o amedrontado rapazito. «Há alguma dificuldade, minha senhora? Posso ajudá-la em alguma coisa?»

A aflita senhora ficou surpreendida com tal pergunta. «Não, disse ela, não penso que possas ajudar-me. O meu filho deve ter perdido o juízo e tivemos que encerrá-lo num quarto separado. Ele agora tornou-se violento e destruiu toda a mobília. Eis a razão do barulho que ouviste.»

«Pedi a Deus que a ajudasse e ao seu filho?» Que pergunta extraordinária dirigida por um rapazito de 8 anos a uma senhora angustiada! Que testemunho simples e sincero dado pelo Salvador que se encontra sempre perto de nós! Que serviço em favor do Mestre e que ajuda preciosa para um coração oprimido! Não nos encontrávamos presentes quando isto se passou, mas todo o céu contemplou esta mãe e este rapazito ajoelhados para orar.

Sim, meus amigos, o nosso testemunho resulta muitas vezes num milagre. Foi o que aconteceu nesta casa. A calma refez-se. Ao abrir-se

a porta do quarto saiu dali uma nova criatura. No Sábado seguinte, encontrei a mãe e o filho na igreja. Falaram-nos da misericórdia e do amor de Deus e louvaram-n'O pelo poder do testemunho cristão.

É na realidade maravilhoso estar associado a Deus no plano da salvação, não somente com os nossos bens mas dando-nos a nós mesmos, falando e dando testemunho, não por intermédio de terceiros mas com os nossos próprios lábios. Há ainda cristãos que não conhecem pessoalmente esta emoção e esta alegria.

Um dos nossos membros leigos era vigiado atentamente pelos seus vizinhos. Alguns dentre eles não gostavam nada do seu testemunho, e, em especial, um certo homem pusera no seu coração fazer-lhe mal. Uma noite em que o nosso irmão estudava a Palavra de Deus com um grupo esse homem tirou as cavilhas dos eixos da sua carroça e atirou-as para longe. Esperava assim que o nosso irmão encontrasse a morte na estrada da montanha perigosa e exposta ao vento que deveria tomar para voltar a casa.

O nosso membro leigo terminou o estudo bíblico e tomou o caminho de volta. Atrás dele, e sem que o notasse, seguia-o este homem criminoso, esperando na primeira cur-

va ver saltar as rodas da carroça e o nosso irmão e o seu cavalo serem precipitados no abismo. Mas na curva, nada se passou. «Quebrar-se-á na próxima curva», pensou o homem. Para sua grande surpresa, porém, nada sucedeu. Apesar das pedras e dos buracos na estrada, as rodas sem cavilhas continuavam a rodar como de costume e conduziram a testemunha de Deus a casa. Pôs o cavalo na pastagem e voltou à carroça para buscar a sua Bíblia e o hinário. Então presenciou algo de incompreensível. As duas rodas saíram e a carroça caiu por terra. Enquanto olhava para este espectáculo, um homem saiu da sombra, aproximou-se dele e disse-lhe: «Estou convencido de que o senhor serve o Deus vivo». Em seguida, confessou o seu terrível desígnio.

Nessa mesma noite, até bastante tarde, esses dois homens estudaram a Palavra de Deus. Depois oraram; e foi uma alma convertida que saiu desse lar adventista. O nosso irmão cumprira a sua obrigação como cristão: testemunhara pelo seu Senhor, servira o seu Mestre. O número dessas testemunhas leigas que não se envergonham do Evangelho, aumenta rapidamente. No momento em que toda a Igreja fizer parte deste exército, o «alto clamor» há tanto esperado será ouvido e Deus terminará a Sua obra em glória.

ELES SEGUIRÃO O CORDEIRO

Encontra-se nas últimas páginas da Bíblia uma imagem profética magnífica. A obra terminou. O plano da salvação cumpriu-se. O testemunho foi dado. A esperança da Igreja que trabalhou e vigiou realizou-se. O Cristo invisível tornou-se o visível Rei dos reis. Os obreiros de Deus, os santos de todas as gerações que se sucederam umas às outras vêm o Mestre face à face. Os que O seguiram na terra continuam agora a segui-l'O. «Seguem o Cordeiro para onde quer que vai», lemos em Apocalipse 14:4. Que revelação gloriosa do futuro! Servimo-l'O aqui porque temos a esperança de tornar a servi-l'O no Seu reino.

Não esquecerei nunca o hino que um pequeno grupo de crentes consagrados cantou por ocasião do meu baptismo. Lembro-me com clareza de me juntar a eles depois da segunda estrofe e cantar: «A Jesus seguir eu quero».

Provavelmente cantou-se um hino como este por ocasião do vosso baptismo. Tende-l'O seguido sempre? A vossa vida cristã deu sempre testemunho vivo do Salvador? Tendes realmente seguido o Seu exemplo? Tende-l'O servido? Renovemos hoje a nossa consagração e cantemos unidos em espírito: «A Jesus seguir eu quero».

(Quinta-feira 9 de Novembro)

O MEU ADVOGADO É CRISTO

Por Stanley Harris

Miguel Ângelo interessou-se um dia por um bloco de mármore, porque ali viu um anjo prisioneiro e quis libertá-lo. Deus baixou os olhos à terra e viu todo um mundo de almas famintas, empedernidas no pecado, e resolveu dar-lhes um Salvador que os livrasse das suas correntes. Enviou o único Ser qualificado para servir de mediador entre Deus e os homens, entre o homem e o seu semelhante e en-

tre as nações. Enviou o todo poderoso Homem do momento, o grande Reconciliador, o Centro de unidade. Enviou o Seu Filho único, Jesus Cristo.

O incomparável Cristo oferece a imagem do advogado perfeito. Ao dizer: «Não acho nele crime algum», Pôncio Pilatos exprimiu o consenso de amigos e inimigos. Se procuramos o maior exemplo de mansidão, não olharemos para Moi-

sés mas para Jesus que foi manso e humilde de coração. Não encontraremos o maior exemplo de paciência em Job, mas em Jesus o qual, quando o injuriavam, não injuriava. Não encontraremos o maior exemplo de sabedoria em Salomão mas em Jesus que falou como nunca homem algum falara.

Não é o sensível profeta Jeremias que nos dará o maior exemplo de intensa compaixão, mas Je-

sus que chorou sozinho sobre o destino funesto de Jerusalém. É em Jesus, de quem foi escrito «o zelo da tua casa me devora», e não em Paulo que encontraremos o maior exemplo de zelo. Para encontrar o maior exemplo de amor, não olharemos para João, mas para Jesus, que se entregou a Si mesmo por nós, pecadores que somos. Ele é o perfeito Advogado.

Conta-se a história de um soldado que esperava para ter uma audiência com o presidente Lincoln e cuja farda atraía a atenção do filho mais novo do presidente, Tad Lincoln, o qual sentiu amizade por ele. O secretário do presidente veio anunciar que o presidente não receberia mais ninguém naquele dia. O soldado participou a Tad o seu desapontamento e este declarou: «Se quer ver o presidente, eu posso fazê-lo entrar». O filho do presidente, levou-o para dentro logo a seguir.

LIVRE ACESSO AO TRONO DA GRAÇA

Não precisamos nem de riquezas nem de prestígio para nos aproximarmos do trono real de Deus. Temos um advogado que deseja levar-nos à presença do Pai para que achemos socorro para as nossas necessidades. Ele não quer somente obter perdão para os nossos pecados, e principalmente, o apoio total e a força divina que nos permita viver uma vida vitoriosa e íntegra dia após dia. Não precisamos de gritar nem de bater violentamente à porta para ser atendidos por Deus. O nosso Advogado está pronto a interceder por nós a cada instante. Se há uma condição para receber a ajuda necessária, ela resume-se nas palavras: «o fervor».

Conta-se que um navio que estava a afundar-se não tinha barcos de salvamento em número suficiente. Quando o navio se afundou, um dos passageiros aproximou-se a nado de uma das chalupas, mas como não havia lugar foi-lhe proibido subir para o barco. Como ele se agarrasse ao bordo do barco com a mão direita, alguém tomou uma espada e cortou-lhe os dedos. O homem desejava tão ardentemente salvar-se que se agarrou ao

barco com a mão esquerda. Cortaram-lhe igualmente os dedos da mão esquerda. O homem aproximou-se outra vez do barco, nadando, e, com os dentes, prendeu-se novamente. Os outros naufragos tiveram então compaixão dele. Não lhe iam cortar a cabeça, e deixaram-no subir. Porquê? Porque este homem tinha um desejo intenso de salvar a sua vida. David cometeu pecados gravíssimos, mas procurou Deus com tal fervor e arrependimento que Deus lhe concedeu o Seu perdão.

A NOSSA CERTEZA

Temos a certeza de que «se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo» (1 João 2:1). «Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda a injustiça» (cap. 1:9). «As condições necessárias para beneficiar da misericórdia divina são simples e razoáveis. A fim de nos conceder o Seu perdão, o Senhor não reclama de nós sacrifícios cruéis. Não necessitamos de fazer longas e duras peregrinações, ou fazer penitências dolorosas para recomendar as nossas almas a Deus ou expiar as nossas transgressões. “Aquele que confessa o seu pecado e o deixa, alcançará misericórdia”» (*The Acts of the Apostles*, p. 552). Temos ainda uma outra certeza maravilhosa. «No momento em que um filho de Deus se aproxima do propiciatório, torna-se imediatamente cliente do grande Advogado. Ao seu primeiro balbuceio de arrependimento e pedido de perdão, Cristo toma o seu caso e fá-lo Seu, apresentando a súplica diante do Pai como se fosse Sua. Logo que Cristo intercede por nós, o Pai abre os tesouros da Sua graça para que os tomemos e recebamos o seu benefício. ... Cristo diz-nos: “Pedi em meu nome”. ... Usai o meu nome. As vossas orações serão eficazes e o Pai vos concederá os tesouros da Sua graça; pelo que “pedi e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra”. João 16:24» (*Testimonies*, vol. 6, p. 364).

Deus está à espera que os Seus filhos abandonem este velho mundo

de pecado e se voltem para Ele. Quanto tempo O faremos esperar? «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação» (Heb. 2:3).

AO LADO DELA

A esposa de um homem de negócios de Saint Louis (Estados Unidos da América do Norte) perdeu bruscamente a razão. O marido era-lhe tão dedicado que abandonou o seu trabalho e lhe consagrou todo o seu tempo. Quando os vizinhos começaram a queixar-se dos gritos dela, ele mandou construir uma casa nos arredores da cidade onde a esposa teria todo o conforto desejado. Mas ela não mostrou sinal algum de melhoras. Foi então que um velho médico o aconselhou a levar a mulher para as montanhas do Tennessee onde ela crescera, esperando que as paisagens do velho Sul americano lhe restaurassem a razão. Contudo, apesar do canto dos pássaros e do sorriso das flores o desequilíbrio mental persistiu. Profundamente desencorajado, o marido trouxe-a para a casa que tinha construído. Posta na cama, sem que se pudesse saber a razão, ela adormeceu imediatamente. Dormiu uma hora e a seguir outra e finalmente toda a noite. No momento em que abriu os olhos, o marido compreendeu que ela estava curada.

«Onde tenho estado?», perguntou ela. E o marido respondeu com o coração cheio de reconhecimento: «Tens estado a fazer uma longa viagem e, agora, acabas de regressar a casa». «É tu, onde estiveste todo esse tempo?», disse ela. Com a voz entrecortada, ele respondeu: «Estive sempre junto de ti, esperando que voltasses».

Esta história ilustra bem pobremente o paciente amor de Deus. Temos errado longe dele, partimos para um país distante tendo perdido a razão, mas Ele esperou-nos e espera ainda por algum de nós. Jesus deseja ardentemente que voltemos para casa. Ele encontra-se no lugar santíssimo, na sala do trono nos céus, e espera que venhamos até junto dele. Ele quer ser a vítima expiatória dos nossos pecados. Quer purificar-nos dos

nossos pecados e vestir-nos o manto da Sua justiça.

Os homens falam da incapacidade que têm de crer em milagres. Mas Jesus é o milagre por excelência de todos os tempos. Através dos séculos os Seus amigos e inimigos têm posto sobre Ele o holofote da crítica e não conseguiram encontrar a mais pequenina marca de pecado, uma palavra deslocada, ou um gesto egoísta. Ele é o Homem universal: nasceu no primeiro século da nossa era, mas pertence a todos os séculos. Nasceu judeu, mas pertence a todas as nacionalidades. Nasceu em Belém, mas pertence a todos os países. Não há homem algum, seja ele Saxão, Mongol, Eslavo ou Latino, que se se aproximar arrependido do Salvador e puser n'Ele a sua confiança, não continui o seu caminho com a certeza radiante que Cristo lhe perdoou os pecados e o ajuda a levar os fardos da vida. Tal homem receberá os magníficos vestidos da justiça de Cristo.

JESUS CONDUZE-NOS A DEUS

Diz-se que Mozart fez descer os anjos e que Beethoven elevou os mortais até ao céu. Jesus faz ambas as coisas e mais ainda. Ele é o caminho de Deus até ao homem. Ele é o caminho do homem para Deus. É, entre a terra e o céu, a verdadeira escada de Jacob. Viveu como nunca outro viveu, antes ou depois. Morreu como nunca nenhum outro. Do Monte das Oliveiras voltou ao Pai como Mestre da História, o Salvador vitorioso de um mundo perdido. Agora está pronto a obter o nosso perdão e a nossa paz. Jesus Cristo, grande Deus e Salvador, não somente tem a graça e o amor para perdoar, mas tem o desejo e o poder de nos fazer triunfar plenamente do mal e do pecado, através das vicissitudes desta vida. Tudo o que nos pede é que tenhamos confiança e que cooperemos com Ele.

CRISTO OBTÉM O NOSSO PERDÃO

Muitas pessoas têm dificuldade em acreditar que Cristo pode obter o nosso perdão. Muitos não crêem

que Ele possa cobrir os nossos pecados passados. E ainda há coisas mais graves. Muitos não crêem que Cristo possa preservar-nos de cair no futuro. Parecem ter-se resignado a uma vida de pecado e de derrota. Dizer que Cristo não pode guardar-nos de pecar equivale a acusar Deus de ser fraco e impotente. Possa Deus ajudar-nos a saber que Ele é todo-poderoso.

O escritor Nathaniel Hawthorne comparou o cristianismo a uma catedral magnífica com cristais artisticamente trabalhados. Vistos do exterior esses vitrais não dão a menor ideia da beleza das formas e do brilho das cores que o artista criou.

Num dia de Verão tórrido, duas alunas do liceu passaram a maior parte da tarde a passear na parte baixa da cidade. De repente viram-se em frente de uma grande catedral. As paredes exteriores estavam cobertas de pó e a pobre catedral oferecia um aspecto irrisório. Ao observar os vitrais que o professor de desenho lhes tinha recomendado, uma das meninas resmungou: «Não são nada belos. São apenas velhos vidros sujos». Uma senhora idosa que ali se encontrava ouviu a observação e disse-lhes: «É impossível admirar a beleza de um vitral pela parte de fora. Porque não entram?».

As meninas entraram e estacaram, cativadas, com o rosto inundado pela sinfonia de cores que descia dos vitrais.

A idosa senhora tinha razão. Não é possível admirar os vitrais do exterior.

BELEZA PELA FÉ

A única possibilidade que temos de conhecer a beleza de Cristo e o poder do Seu Evangelho é de entrar pela fé na sala do trono celeste. Logo que estejamos prontos a procurar a Sua intercessão e a aceitar a sua graça e poder vitorioso, a harmonia e a beleza brilharão à nossa volta.

Cristo é o único ser que pode dar-nos uma vida cheia de beleza no mundo de demência em que vivemos e um futuro glorioso no novo mundo. Ele é o único advo-

gado que pode introduzir-se nesse mundo. Os homens poderão dirigir-se, tão longa ou ruidosamente como desejem, a Confúncio, a Maomé, a Platão ou a outros ainda procurando salvação que não obterão nem resposta nem socorro. Se alguém pedir com sinceridade o perdão e a libertação da culpa e do poder do pecado, Cristo responderá, e ele estará seguro da Sua resposta. Poderá continuar o seu caminho gritando alegremente: «Uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo».

Cristo em nós é a coroa de glória do Evangelho. Ele ilumina o espírito, torna a consciência sensível, desperta a vontade. Dissipa as nossas dúvidas, afasta as nossas dificuldades, faz repousar sobre nós o Seu poder, o qual nos faz triunfar do pecado, da tristeza e da morte.

«Quando uma alma se entrega a Deus, um novo poder toma posse do coração renovado. Opera-se uma transformação que o homem não seria capaz de operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural, a qual faz entrar um elemento sobrenatural na natureza humana. A alma que se abandona a Cristo, torna-se uma fortaleza mantida por Ele num mundo revoltado e que, segundo a Sua vontade, só conhece a Sua autoridade. Uma alma que assim está guardada por seres celestes é inexpugnável. Resiste a todos os assaltos do inimigo» (*Desire of Ages*, p. 324).

DEDICANDO - LHE AS NOSSAS VIDAS

Quem visita a cidade de Edimburgo, sente-se possuído de sentimentos de respeito ao entrar no velho cemitério que rodeia a igreja histórica dos Franciscanos. Neste local, há vários séculos, uma multidão de homens profundamente consagrados, dirigidos pelo velho conde de Sutherland, assinaram o Pacto nacional. Abriram as veias dos braços e assinaram esse pacto com o seu próprio sangue. Hesitaria o povo de Cristo, comprado pelo Seu sangue, em dedicar-se completamente ao Seu Mestre para que Ele possa conduzi-lo hoje, amanhã e sempre?

É frequente ouvir dizer que Cristo, que é hoje o nosso Salvador, será amanhã o nosso juiz. É triste mas exacto pensar que Aquele que é amor e que estende os Seus braços convidando-nos a ir a Ele hoje, aparecerá amanhã no resplendor da Sua majestade celeste para julgar todos aqueles que recusaram ou negligenciaram

aceitar o Seu ministério de intercessão nos céus em favor deles.

Eis agora o tempo verdadeiramente favorável. Na decisão que deveis tomar há apenas uma alternativa: deveis aceitar a Cristo como vosso Salvador pessoal e vosso Advogado ou rejeitá-l'O; tendes que vos decidir por Ele ou contra Ele. Não podeis absolutamente ficar

neutros; não existe uma terceira possibilidade. Oh! vinde a Ele, não vos demoreis mais! Dai testemunho público de que vos entregais a Ele sem reserva a fim de que seja o vosso Salvador e vosso Advogado hoje e sempre. Que o vosso coração pronuncie um Sim sem reservas, dizendo: «Senhor Jesus, eis-me aqui».

(Sexta-feira 10 de Novembro)

O MEU COMPANHEIRO DE TODOS OS DIAS É CRISTO

Por Charles D. Brooks

O homem foi no início criado íntegro, vestido da luz da justiça divina, possuía um coração puro e um carácter perfeito. Não tinha conhecimento do pecado. Foi criado para viver em ligação constante com Deus e os anjos. Acontece com frequência que circunstâncias tristes destroem os laços que uniam os amigos. Como armas infernais, elas separam os companheiros de jornada para que não caminhem juntos. O mais terrível dos acontecimentos ocorreu no Éden. O pecado ocasionou a separação entre o homem e o seu Deus (Isaías 59:2). «Adão... onde estás?» (Gén. 3:9), por outras palavras, que se passou com a comunhão que nos unia? perguntou o Salvador cruelmente desapontado.

Muito antes deste dia trágico, um conselho celeste fizera face a esta eventualidade. E, a seguir ao drama do Éden, todo o céu se ocupou na realização do plano então concebido. Tudo o que se perdeu por causa do pecado, será totalmente restaurado, estando aí incluído a comunhão íntima entre o homem redimido e Deus e os anjos de luz. Mas, unicamente a graça pode realizar essa obra, tornando a colocar o homem sobre a plataforma da justiça de onde caiu. Até lá vemos a graça predominar sobre a lei. Os seres ce-

lestes estão turbados e impacientes por ver cessar a separação causada pelo pecado. O Salvador, bom, misericordioso e lento à ira, não pode ficar inactivo. Ele intervém, impõe a sua presença apesar das nossas recusas, insultos ou indiferença.

Poder-se-ia crer que a atitude de Cristo no Éden, no momento da tragédia, fosse devida ao facto de que Ele tinha prometido morrer se o homem pecasse e agora a morte surgia diante dele. Nada disso. Foi o amor divino que motivara a Sua promessa; e o amor nunca se arrepende das suas dádivas. Cristo foi grandemente contristado no Éden por causa da rutura fatal que o pecado acabara de ocasionar. Daí em diante, o homem não poderia mais suportar a santa presença e seria exposto à companhia dos demónios. Cristo não quis terminar a Sua visita daquela tarde ao jardim do Éden sem apresentar uma solução para o problema. Como a lei não permitia qualquer solução, Ele fez apelo à graça. A graça não depende nem da lei nem da razão, mas do amor.

Por intermédio do sacrificio sangrento oferecido nesse dia, Ele fez compreender aos Seus filhos caídos que poderiam ter acesso constante à Sua pessoa. Embora não pudesse caminhar junto deles

em comunhão pessoal directa, estaria perto deles. Invisível, estaria ao seu lado. No fogo elevando-se acima do altar, nas circunstâncias sombrias e difíceis, por ocasião do culto de família, na hora de oração, Ele estaria muito próximo deles. «A fé, é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem» (Heb. 11:1). Ele aproxima-se de nós se, pela fé, reclamamos a promessa da Sua presença.

O homem não poderia nunca ser redimido sem a comunhão com Deus. Os seus pensamentos não poderiam ser purificados. Sem a presença do Salvador, o plano da salvação não poderia ser realizado, o Éden não poderia jamais ser restaurado. A razão de ser do cristianismo é de restaurar a imagem de Deus no homem a fim de que possa ver Deus de novo e viver com Ele um dia. «O objectivo de Satanás consistia em separar o homem de Deus para todo o sempre, mas, graças a Cristo, tornamo-nos mais unidos a Deus do que se nunca tivéssemos caído» (*The Desire of Ages*, p. 25).

CRISTO PROCURA-NOS

Cristo segue-nos, persegue-nos, chama-nos, mesmo que não O tenhamos convidado ou desejado. Ele

o faz a despeito de nós mesmos. Vede a glória da coluna de fogo sobre o Mar Vermelho! Quem lhe pediu para conduzir os filhos de Israel? Considerai a nuvem que avançava durante o dia! Quem lhe pediu para os acompanhar? Ouvi-O dizer a Moisés: «e me farão um santuário, e habitarei no meio deles» (Êxo. 25:8). Quem reclamou a Sua presença? Como vêdes, Cristo impõe a Sua proximidade ao homem e não pode esperar que seja convidado. O coração não santificado tem prazer em conviver com os demónios. O mal não o choca e ele não deseja a presença de Deus.

É por esta razão que Cristo, sem fazer caso algum da nossa moral, se impõe a nós para nosso bem, para nos socorrer e nos salvar! É impossível que sejamos salvos sem a presença pessoal de Cristo.

Ele aparece na sarça ardente, na montanha em fogo, sobre o altar incendiado. Ele vem até nós no fogo, nas nuvens, no vento, no trovão, nas provações. Na hora da morte, Ele mostra, não o vale sombrio, mas, para além da morte, a manhã da ressurreição em que seremos transformados, em que este corpo corruptível se revestirá de incorruptibilidade e em que Ele nos tomará pela mão para nos conduzir à fonte da vida. Seremos com o Senhor, para todo o sempre!

Todo o céu esperava com impaciência a hora capital do cumprimento dos tempos em que Ele habitaria com o Seu povo depois de ter tomado sobre Si a natureza humana. Isaías exclamou: «Um filho se nos deu». Oh! suprema maravilha! Deus manifestado na carne. Cristo ia encontrar-se no meio dos humanos numa condição nunca até então realizada. Os músicos celestes compuseram novas sinfonias nesta ocasião e o coro dos anjos cantou: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!» (Luc. 2:14). Paz na terra porque Deus habita connosco. Ele é Emanuel.

OS DISCÍPULOS CONHECERAM A AMIZADE DE CRISTO

Os discípulos conheceram esta intimidade e a bênção que daí advém duma maneira muito espe-

cial. Sentiram-se em segurança nos locais mais perigosos porque Ele aí estava. Aflitos, quando Satanás desencadeou a tempestade no lago, desejavam somente que Ele se tornasse cónscio do perigo. Sabiam que «seja este revolto mar, a ira dos homens, o génio do mal, não podem a embarcação tragar que leva Cristo, o Senhor do mar». Atravessaram regiões hostis, dormiram em lugares selvagens, porque Ele estava com eles. Eram audaciosos na Sua presença. Mas quando Jesus lhes foi tirado, fugiram atrozizados. Um véu de tristeza e de consternação desceu sobre eles como um lençol. Conheceram uma dor indizível. Mas receberam uma mensagem domingo de manhã cedo: «Ide dizer aos meus discípulos que eu estou vivo e que os verei hoje». A sua incerteza e cepticismo tombaram perante a veracidade da notícia que se espalhava. Soldados gritavam pelas ruas que o morto vivia. Outras pessoas de quem se tinham visto os funerais passeavam pela cidade falando de um Deus ressuscitado. A igreja foi electrificada. Estava agora provado que nem mesmo a morte pode separar-nos do nosso companheiro de jornada.

A ressurreição de Cristo é a verdade fundamental do cristianismo. Se Ele não ressuscitou, a nossa religião é vã. Se vive, era impossível que este evangelho incomparável ficasse acantonado num lugarejo da Judeia. Cristo ordenou aos Seus discípulos que O anunciassem no mundo inteiro. Como se lhes podia pedir para deixá-LO tão cedo depois da ressurreição? «Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos» (Mat. 10:16). Sim, mas «eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos» (Mat. 28:20).

«Como pode isso ser, Senhor?», disseram eles. Eles desejavam ter para sempre a Sua presença. Como seria isso possível se devessem dispersar-se pelo mundo? Como poderia Jesus estar aqui, na Ásia, na Europa, na África, por toda a parte simultaneamente? A esta pergunta Jesus respondeu: «Convém que eu vá; porque se eu não for, o Consolador não virá a vós» (João 16:7). «Se me amardes guardareis os meus mandamentos. E eu roga-

rei ao Pai, e ele vos enviará outro Consolador... o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vêem nem o conhecem mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós» (14:15-17).

A CERTEZA DA PRESENÇA DO COMPANHEIRO DE JORNADA

Esta certeza encorajou os discípulos e eles partiram sem receio e com grande poder. Mateus termina o seu evangelho pela ressurreição do Senhor e por estas palavras: «E eis que eu estou convosco todos os dias...» (Mat. 28:20). Marcos termina assim: «E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram» (Mar. 16:20).

Jesus estava junto deles na perseguição cruel que se seguiu. Estava com eles no momento do martírio e a morte não os atemorizou. «Quem nos separará?», perguntou o apóstolo Paulo. Depois do desaparecimento de todos os discípulos, excepto João, o discípulo bem-amado passou pelo cruel sofrimento da solidão em Patmos. Podia o êxito da igreja repousar sobre os seus ombros apenas agora que ele se encontrava prisioneiro?

Cristo veio até junto dele em visão e a pequenina ilha de Patmos tornou-se um paraíso. João viu Jesus glorificado e ouviu-o proclamar com voz clara e soberana: «Eu sou o primeiro e o último; e o que vivo» (Apo. 1:17, 18).

João, tu não estás sozinho. Eu estou e sempre estarei contigo. Estou junto da minha Igreja. Depois, numa visão, mostrou-se a João no meio dos candelabros para significar que Ele acompanha constantemente e fielmente as igrejas de todas as épocas. Numa outra visão, revelou-se como o eterno companheiro dos homens, batendo à porta de cada um. Mas Ele não se limita a bater. Ele chama. Se alguém ouve a minha voz, disse Ele, e abre, eu entrarei. Serei seu hóspede.

Cristo, nosso Senhor, procura a vossa e a minha companhia. Que suprema honra para nós! As por-

tas de ferro do pecado e da infelicidade que nos separam d'Ele não O impedem de bater, de chamar e, se respondermos, de entrar em nossa casa. Para que Ele entre não temos que ser amáveis e bons. Basta que abramos. Ele aquecerá as nossas almas geladas. Deus habita nos lugares elevados e na santidade, mas Ele habita também com o homem contrito e humilde. Que condescendência! Que amor! Que graça!

NECESSITAMOS DA SUA COMPANHIA

Esta comunhão é a solução para a perdição e o desespero dos homens do nosso tempo. A vida moderna é trepidante e ocasiona o desequilíbrio dos homens, das mulheres e dos jovens. Governos materialistas e religiões formalistas tornam os homens amargos. Como as do passado, as gerações do presente não aprendem as lições da história. As ameaças de guerra existem um pouco por toda a parte. O perigo atômico está suspenso sobre a humanidade como a espada de Dâmoles. A nossa época é a época do terror, procurando a paz e não a encontrando. Há grandes promessas que não se cumprem, esperanças destruídas, sonhos desfeitos. Esta época precisa de Jesus! A juventude, a humanidade têm necessidade de Jesus, da luz, da paz, da vida simples e tranquila comunicadas pela Sua presença.

Os homens do nosso tempo afastam-se do «Grande médico», da «Luz do mundo», do «Consolador», do «Príncipe da paz». Desprezam os conselhos da Sua lei, o Seu apelo de renúncia ao eu e a Sua regra de ouro. Os seus espíritos impuros submetem-se às solicitações da carne. A licenciosidade oferece-lhes uma libertação miserável dos terrores e das angústias deste mundo demoníaco. A música, o vestuário, a conversação, os livros, os divertimentos, tudo é cuidadosamente calculado para degradar, preverter e arruinar. A obcecação sexual e a vulgaridade devoram os pensamentos nobres e puros e arrastam as

emoções e o corpo numa orgia sensual que destrói todo o impulso para a santidade.

CRISTO DESEJA A VOSSA COMPANHIA

Se desejais a paz, Jesus vos diz: «Vinde a mim». Na Sua presença não podem subsistir nem a tensão, nem o ódio, nem o terror. O homem foi criado para viver com Deus e se não tiver comunhão com Ele não conhecerá nunca a paz e a felicidade.

Como poderemos gozar a Sua presença? Deus é um Salvador amante e compassivo. Está mais interessado em nós do que o pensamos. Não é um juiz implacável desejoso de nos apanhar em falta. Os Seus mandamentos não são proibições absurdas. Não renunciamos a nada de valioso quando caminhamos com Ele. Abandonamos somente o que nos cobriria de vergonha e arruinaria a nossa vida.

Cristo deseja ser nosso companheiro de jornada. Mas como? «Pedi e receberéis», «Orai sem cessar»; não somente uma vez por dia mas durante todo o dia. Crede também que Ele é um Salvador maravilhoso para quem não existe acepção de pessoas. É um Deus de amor. Especialista em casos difíceis. O Seu reino será composto de antigos mentirosos, homicidas, bêbados, depravados e de toda a espécie de pecadores que pediram perdão e acreditaram na promessa feita por Deus. Mesmo Rahab, a prostituta, aí estará!

«Se alguém abrir a porta, entrarei em sua casa». (Apo. 3:20). Crede nisso. «Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve» (Isa. 1:18). Crede nisso. «Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça» (1 João 1:9). Crede nisso. Todas estas promessas são vossas desde que creais. Mas, se não crerdes, nada receberéis. É vendo o invisível que se pode fazer o que é impossível. «O justo viverá pela fé». Não temos dívidas a pagar nem coisas a regular para estar em ordem. Ele pagou a dívida

e arranjou todas as coisas quando nos perdoou. Orai, arrependei-vos, crede. Depois tendo a certeza de que Ele cumpre a Sua promessa de vos acompanhar na escola da vida, e sereis estudantes aplicados; no vosso trabalho, e sereis fiéis; na escuridão, e estareis atentos; nas vossas relações, e sereis honestos; na tentação, e sereis vitoriosos; na tristeza, e sereis felizes; no medo, e sereis confiantes; em companhia de outras pessoas, e sereis protegidos contra o mal.

O PODER DA SUA PRESENÇA

O homem que caminha com Deus e goza da Sua presença, que Lhe fala como ao seu companheiro de jornada, que aprende a conhecer a vivificante simplicidade da sua vontade e a vitória que dá o Seu poder, sim, tal homem amará um Salvador tão precioso. Todas as proibições prescritas pela verdadeira religião farão sentido para ele.

«Ele habita nos nossos corações quando tomamos posse dele pela fé. Quando estamos cõscios da Sua presença divina, os nossos pensamentos são feitos cativos em obediência a Cristo» (*Testimonies to Ministers*, p. 388).

«Não há grandeza humana, nem talento algum, nem ciência alguma que possa tomar o lugar da presença real de Deus na vida do homem». (*Patriarchs and Prophets*, p. 328).

Satanás receia e despreza Cristo tão completamente e é tão impotente diante dele, que se recusa ficar junto de quem está com Jesus. A presença de Cristo ao nosso lado faz debandar Satanás e o seu exército; e quando Satanás está longe, a carne mantém-se em repouso. A presença do nosso companheiro de jornada é um escudo protector. O Cristão está seguro e sente-o. Está do lado de Deus e sabe-o. A vontade divina é clara e ele vê-a. Está em paz e aprecia-o. Está convertido e demonstra-o.

«Caminhando com Jesus nesta vida, podemos ser cheios do Seu amor, e satisfeitos da Sua presença. É-nos possível obter, já nesta vida, tudo o que a nossa natureza huma-

na pode receber» (*The Desire of Ages*, pp. 331, 332).

Em comunhão diária e íntima com Aquele que é santo, tornamo-nos santos; com Aquele que é amor, ficamos cheios de bondade.

Podemo-nos tornar semelhantes a Jesus vivendo sempre com Ele, porque a Sua vida será a nossa vida. Não viveremos uma vida semelhante à Sua, mas a Sua própria vida. Esta comunhão de vida irá aumen-

tando até sermos rodeados pelo círculo vivo da solicitude divina. Os anjos tornam-se nossos companheiros de serviço e nossos protectores e estamos em paz com Deus e com todos os homens.

(Sábado 11 de Novembro)

O MEU REI É CRISTO

Por Robert H. Pierson

Li uma ocasião num jornal das Antilhas: «Os Adventistas dos Sétimo Dias comportam-se como pessoas que têm um missão a cumprir». Isto é verdade. O que é que inspira o sentimento de urgência entre o povo de Deus? Porque existem mais de 62 000 obreiros desta igreja pregando o evangelho com fervor de cruzados em 1 066 línguas? Porque existem 44 casas publicadoras no nosso movimento, publicando jornais, contendo a Mensagem do Advento, em 260 línguas diferentes? É porque nos empenhamos em atingir um certo objectivo — um fim.

Este objectivo, ou fim, encontra-se descrito nas palavras do Salvador, bem conhecidas de todo o adventista do Sétimo Dia: «E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

«O fim», a vinda de Jesus nas nuvens do céu — este é bem o alvo que nos esforçamos por alcançar. A palavra «fim» usada pelo Salvador diz-se em grego *telos*, e significa exactamente, um objectivo definido, um fim. Os adventistas do Sétimo Dia têm muitos objectivos, mas o nosso maior objectivo é o **fim** — aquela «bem-aventurada esperança» (Tito 2:13) da volta iminente do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Desejamos ardentemente que o nosso Salvador e Advogado se torne nosso Rei efectivamente.

Que entendemos quando falamos do fim próximo — dizendo que Cristo assumirá o Seu lugar de Rei dos reis e Senhor dos senhores?

Porque é que todo o verdadeiro e leal adventista vive e ora e trabalha em vista daquele dia? Que significará para o filho de Deus a vinda de nosso Senhor? Porque é esta vinda «a bem-aventurada esperança»?

O FIM DA TENTACÃO E DO PECADO

Quando Cristo se tornar o nosso Rei, findará a tentação e o pecado. Neste velho mundo onde vivemos, quão abundante são o pecado e os resultados do pecado! Os jornais, a rádio, a televisão lembram-nos constantemente a miserável condição do nosso planeta, causada pelo pecado, cujos efeitos todos conhecemos muito bem. Por vezes as nossas vidas tornam-se um peso difícil de transportar e o desânimo aflige às vezes o mais firme dos santos quando o maligno ataca sem cessar.

«A esses desejaria dizer: Não vos deixeis abater. Muitas vezes teremos de nos prostrar aos pés de Jesus e aí chorar as nossas faltas e erros; mas não devemos desanimar. Mesmo quando somos vencidos pelo inimigo, não somos repellidos, abandonados, nem rejeitados por Deus» (*Aos Pés de Cristo*, p. 68).

Quando Jesus aparecer, quando chegar o fim, o poder de Satanás será quebrado para sempre. Que glorioso dia esse em que o enganador não mais terá acesso junto dos santos de Deus! «Não se levantará por duas vezes a angústia» (Naúm 1:9).

«Choram de alegria ao ouvir a aprovação do Mestre. Não se lem-

bram mais dos dias de labor incessante, da fadiga, do medo e da angústia quando essa voz, mais formosa do que as harpas dos anjos, pronuncia as palavras. 'Bem está, servo bom e fiel... Entra no gozo do teu senhor'».

O FIM DO MEDO

Quando Cristo se tornar o nosso Rei, não haverá mais medo. O nosso mundo está cheio de terror. Milhares, talvez milhões, de pessoas habitando em países atormentados e turbulentos vivem no medo. Em certos países, as ameaças e a intimidação fazem quase parte do dia a dia. Há pessoas atemorizadas em todas as partes do mundo. Alguns receiam viver. Outros receiam a morte. O receio das privações, receio da doença, receio da aflição destroem a paz e infestam as vigílias nocturnas de milhões de seres humanos. Como disse um escritor: «O medo disfarça-se de muitas maneiras. O receio de ser separado de Deus é fundamental. O receio de estar sozinho, o receio da realidade, o receio de falhar, o receio de ser esquecido, o receio de ser diferente, o receio de não ter tempo para pensar, o receio das nossas próprias emoções e uma multidão de fobias semelhantes estão estreitamente associadas. Existe mesmo o que se poderia chamar fobia-fobia, ou medo do medo. Receamos perder a saúde, perder a razão, perder a vida. Receamos os nossos amigos, os nossos inimigos e, ainda mais frequentemente, nós mesmos» (Marjorie Lewis Lloyd, *This Thing Called Fear*, p. 9).

Notei que mesmo nas reservas de animais em África, o medo põe em debandada uma manada de zebras ou de animais selvagens em correria pela campina ou pela floresta à procura de lugar seguro. Um animal nervoso, aterrorizado por algum som pouco comum, muitas vezes lança o pânico na manada que pastava. Como é grande o medo tanto entre os homens como entre os animais!

Já aqui, e mesmo agora, um terno Pai celeste deseja falar de paz aos corações atemorizados: «Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus: eu te esforço, e te ajudo, e e te sustento com a dextra da minha justiça» (Isaías 41:10).

Tive a oportunidade de ver a inscrição seguinte num escritório: «O Medo batia à porta. A Fé foi abrir e ninguém se encontrava lá». «Não temas diante deles; porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor» (Jeremias 1:8).

Quando Jesus vier e o nosso Pai celeste abrir de par em par as portas do paraíso, que gloriosa libertação do medo! A segunda vinda de Cristo fizera cessar todo o medo.

O FIM DAS DECEPÇÕES E DO DESÂNIMO

Quando Cristo se tornar nosso Rei, porá fim às decepções e ao desencorajamento. Vós, eu, todos nós conhecemos algo destes inimigos da nossa paz. «Na vida de todo o homem há momentos de depressão profunda, de desânimo total». (*Prophets and Kings*, p. 162).

Todos temos feito planos que não chegaram a realizar-se. Cada um de nós faz uma vez ou outra experiências amargas. Perdemos alguns bens. Fazemos más colheitas. Não encontramos trabalho. Caímos doentes. Vemos afundarem-se as nossas esperanças. Tudo corre mal. Sentimos o mesmo que sentiu Job quando exclamou: «Antes a estrangulação; e antes a morte do que estes meus ossos. A minha vida abomino, pois não viverei para sempre» (Job 7:15, 16).

Elias é um dos personagens mais corajosos mencionados na Bíblia. Mas, em certa ocasião, ele foi o

homem mais desanimado de que fala a Bíblia. Elias foi capaz de se apresentar diante de Acab, o perverso rei de Israel e, corajosamente, reprovar os seus desmandos. Mas, algumas horas mais tarde, fugia, temendo as ameaças e a cólera de Jezabel, mulher de Acab.

Encontramos o profeta fugitivo entregue ao desânimo mais profundo, sentado debaixo de um zimbro, longe do posto que lhe fora designado. Elias «se assentou debaixo de um zimbro e pediu em seu ânimo a morte, e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida» (1 Reis 19:14).

Lembremo-nos, quando nos sentirmos abatidos, que os homens mais corajosos da história bíblica conheceram também períodos de desânimo profundo. Deus libertou-os deles. Ele nos libertará igualmente, quando tivermos perdido o ânimo.

Que dia de glória quando a Igreja de Deus for total e definitivamente libertada desses atormentadores da nossa alma — quando Jesus vier como nosso Rei! Esse dia de alegria porá termo às decepções e ao desânimo. «Na vida futura compreenderemos os mistérios que aqui muitas vezes nos aborreceram e desapontaram. Veremos então que as orações não atendidas e as esperanças não realizadas foram algumas das nossas maiores bênçãos» (*The Ministry of Healing*, p. 474).

O FIM DA TRISTEZA E DOS PESARES

Quando Cristo se tornar o nosso Rei não haverá mais tristeza nem pesar. Quantas vezes tenho recebido cartas de pessoas que caminharam pelo vale da sombra da morte com um bem-amado! Quantas famílias de missionários têm sido quebradas por uma morte cruel ou violenta! Penso neste momento na carta de uma jovem esposa e mãe que perdeu recentemente o marido num acidente trágico: «Agradeço-Lhe a sua carta de conforto, escreveu ela. É muito difícil de compreender porque isto aconteceu — porque o Carlos me foi tirado sendo tão jovem e forte. Ele faz-me tanta falta! Mas agora espero a volta de Jesus com mais impaciência do que

nunca antes, quando os meus filhos e eu estivermos de novo com ele».

Quantos corações doridos choram a morte de entes queridos, oram todos os dias e desejam ardentemente que venha o Senhor da vida, o qual secará toda a lágrima e lhes restaurará os seus entes queridos para todo o sempre! «E não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor» depois desse dia feliz, porque «Deus limpará de seus olhos toda a lágrima» (Apo. 21:4). «Vós estareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria» (João 16:20).

Esta manhã, tendes o vosso coração despedaçado pela dor de ter perdido um ente querido? Tende bom ânimo, «os dias do teu luto findarão» (Isaías 60:20).

Nunca mais dor e sofrimentos
Lá junto a Deus vão penetrar,
Nem temor, lutas e tormentos,
Nem pesar, nem cruéis mo-
[mentos.

(Hino 607)

Quando Deus fizer desaparecer as lágrimas e o pesar, será para sempre. Os fracos esforços que fazemos para consolar os que choram são frequentemente ineficazes, mas, logo que Deus limpar os olhos cheios de lágrimas, será por toda a eternidade. Quando Jesus vier, não haverá mais lágrimas quentes nem corações partidos. Ele banirá para sempre a tristeza e o pesar nessa manhã gloriosa quando o fim vier e Jesus voltar como nosso Rei!

O FIM DA MORTE

Quando Jesus se tornar nosso Rei encontrará o fim do inimigo mais implacável do homem — a morte. «O último inimigo que há de ser aniquilado é a morte», declara o apóstolo Paulo (1 Cor. 15:26). Todos nos temos debruçado sobre a forma fria e silenciosa de um parente morto. Sabemos o que representa a separação de um ente querido.

Meu irmão, minha irmã, se o círculo da vossa família foi recentemente quebrado, se esta manhã o vosso coração está abatido pela dor, tenho boas novas para vós! A vossa separação não durará, por assim dizer, mais do que um momento!

O dia da alegre reunião está próximo! «Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficamos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras» (1 Tess. 4:13-18).

«Criancinhas são trazidas pelos santos anjos aos braços da sua mãe. Amigos há muito separados reúnem-se para nunca mais se deixarem

e, com hinos de alegria, sobem juntos para a Cidade de Deus» (*Child Guidance*, p. 566). «Não haverá mais morte», assevera-nos Cristo, o Senhor dos mistérios e da vida (Apo. 21:4).

Que dia sem par! Que fim glorioso! A torrente de lágrimas secar-se-á definitivamente. Os corações dos remidos não cessarão mais de bater. «No fim da estrada há vida para sempre» (Rom. 6:23. Phillips.). Que fim emocionante para a triste história de pecado e sofrimento deste mundo! Isto é o que fará o amor de Deus por vós, por mim, por toda a alma remida pelo sangue de Jesus. É, na verdade, uma *bem-aventurada esperança!*

O ALVO ATINGIDO

Sim, irmãos e irmãs, os adventistas do Sétimo Dia têm uma missão — uma grande e gloriosa missão. Temos um fim, um objectivo a atingir e para aí tendemos. A nossa missão e o nosso objectivo consistem em viver uma vida con-

sagrada, uma vida vitoriosa, e a pregar «este evangelho do reino», a partilhar a nossa fé, a apressar a vinda de nosso Senhor, a qual porá fim à tentação e ao pecado, às decepções e ao desânimo, à dor e ao sofrimento, à tristeza, ao pesar, e à morte. Não é este um objectivo digno da nossa consagração total?

Neste último Sábado da Semana de Oração, quando um outro ano já quase se perde na eternidade do passado, todos nós que nos encontramos neste santuário esta manhã, vós e eu, não desejamos nós parar e reflectir seriamente sobre as nossas necessidades espirituais e sobre a abundante riqueza de Deus que pode satisfazer todas essas necessidades em Jesus Cristo? Não nos queremos nós entregar totalmente, nesta manhã de Sábado, tendo em vista a finalização da obra nas nossas vidas, na Igreja e no mundo inteiro nesta geração? Não desejamos nós fazer a nossa parte a fim de apressar o dia em que Cristo, o nosso precioso Salvador e Amigo, se tornará o nosso Rei?

O PRIVILÉGIO DA ORAÇÃO

(Continuação da pág. 1)

que tanto precisam do auxílio que só Deus pode dar, parecem satisfeitos andando sem a luz de Seu Espírito e sem a companhia da Sua presença.

A constância na oração é uma necessidade; que coisa alguma vos afaste dela. Fazei todos os esforços para conservar perene a comunhão íntima entre Jesus e a vossa alma. Procurai toda oportunidade para irdes onde se costuma fazer oração. Os que buscam realmente a comunhão com Deus estarão presentes nas reuniões de oração, fiéis ao seu dever, e vivamente desejosos de colher delas todos os benefícios possíveis. Aproveitarão todas as ocasiões para receber do céu raios de luz.

Devemos orar em família, e sobretudo não negligenciar a oração secreta, pois ela é a vida da alma. É impossível a alma prosperar negligenciando a oração secreta. A oração familiar e a oração pública não bastam. Quando estais sós, abri a alma ao olhar perscrutador de Deus.

Nenhum ouvido curioso deve ser testemunha dessas petições. Na oração secreta a alma está livre das influências exteriores, surda ao ruído. Calma, mas fervorosa, eleva-se até Deus. Uma influência suave e permanente emanará d'Aquele que ouve as preces feitas em secreto, cujo ouvido está atento às súplicas de nossos corações. Por uma fé calma e simples, a alma entretém comunhão com Deus e absorve raios de luz divina que a devem fortalecer e suster no conflito contra Satanás. Deus é a nossa fortalezã.

Orai no vosso quarto; mas elevai também os vossos corações a Deus enquanto vos entregais a vossas ocupações diárias. Era assim que Enoque andava com Deus. Essas orações silenciosas sobem ao trono da graça como precioso incenso. Satanás não pode vencer aquele cujo coração deste modo se firma em Deus.

— Aos pés de Cristo, págs. 100-107.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS SOBRE A ORAÇÃO

As Escrituras estão repletas de exemplos de oração e sua eficácia na salvação das almas. Eis uma breve relação destas experiências:

- Gen. 18:23-33 Abraão orou pelo livramento de Lot em Sodoma.
- Êxo. 32:31-33 Moisés orou pela salvação do povo depois do acontecimento do bezerro de ouro.
- Job 42:10 Job orou pelos seus amigos.
- 1 Reis 18 Elias orou pela restauração do culto ao verdadeiro Deus.
- 2 Crón. 7:14 Deus prometeu perdoar pecados e sarar a terra em resposta à oração.
- Luc. 3:21 e 22 Jesus orou, por ocasião do Seu baptismo, e o Espírito Santo O ungiu.
- Luc. 6:12 e 13 Jesus orou antes de escolher os Seus discípulos.
- Mat. 14:23 Jesus orou pela Sua congregação.
- Luc. 5:15 e 16 Jesus retirou-Se das multidões para orar.
- Luc. 22:31 e 32 Cristo orou em favor de Pedro, para que a sua fé não desfalecesse.
- João 14:16 Jesus orou para que outro Consolador ajudasse os Seus seguidores.
- João 17 Jesus orou pelos Seus seguidores até ao fim do tempo.
- Mat. 26:36 Jesus orou por Si mesmo no Getsêmani antes de fazer o sacrifício pela salvação do mundo.
- Luc. 23:42 A oração simples do ladrão na cruz redundou em sua salvação.
- Act. 1:14 Os discípulos permaneceram firmes em oração antes de receberem o Espírito Santo.
- Act. 2:42 A Igreja primitiva tinha grupos que oravam diariamente nos lares.
- Act. 3:1-8 Pedro e João foram ao templo na hora da oração e o coxo foi curado.
- Act. 9:11-18 Paulo orou e sua vista foi restaurada.
- Act. 12:5 A Igreja orou pelo seu mais vigoroso pregador.
- Act. 16:25-33 Paulo e Silas oraram na prisão e o carcereiro converteu-se.
- 1 Tim. 2:1 Paulo disse que devemos orar por todos os homens.

65-3363